

RODOLPHO
THEOPHILUS

O REINO DE KIATO

Monteiro Lobato & Co
Editores 1002 S. Paulo

Rodolpho Theophilo

REINO DE KIATO

MONTEIRO LOBATO & CIA
Editores S. PAULO

  Off. Graphics
MONTEIRO LOBATO & Co.
Rua dos Gusmões, 70 - São Paulo
 

LIBRARIA E PAPELARIA
DE FERNANDES
Oliveira, Costa & C.
RUA DO HORIZONTE

CAPITULO I

NEVROZICIDA

O dr. John King Paterson era cidadão dos Estados Unidos da America do Norte, formado em medicina, em Inglaterra, na cidade de Cambridge.

Concluidos os estudos, voltou ao seu paiz. Apeteciache mais a vida de laboratorio do que a de clinico. Havia feito um curso brilhante de chimica e desejava continuar os estudos desta sciencia.

Mezes depois de ter chegado a New-York, installou-se em confortavel casa, uma de cujas espaçosas dependencias transformou em bem montado laboratorio. Homem forte, intelligente, novo, empregou toda a sua actividade na realisacão de um sonho, que havia, na Idade Media, tentado muitos espiritos superiores. A visào que fascinou Brandt o deslumbrou tambem.

Paterson amanhecia no laboratorio, de gorro e avental, no meio de cadinhos, retortas, balões, maçaricos, bastões, provetas, frascos de todos os tamanhos e feitos com liquidos de cores diversas.

Sereno, mas de testa enrugada, fazia as suas experiencias, as suas analyses, na esperanca de realizar o sonho — descobrir a *Pedra Philosophal*.

Obsecado por essa idéa, que durante seculos empolgou o espirito de grandes homens, trabalhava sem esmorecimento, convicto de que venceria. O fracasso de tantas mentalidades não o intimidava.

O insuccesso dos que trabalhavam naquelle certame fora devido ás poucas luzes do seculo, nascitura que era a chimica. O que havia então era o sortilegio grosseiro, a magia, o satanismo dominando os espiritos que trabalhavam na transmutação dos metaes. A alchimia proclamava a *isomeria*, mais tarde acceita e confirmada pela chimica moderna. Berthelot sustentava que era possivel a fabricação dos corpos simples.

Paterson, quanto mais lia as velharias alchimistas, mais se convenciu de que aquelles inconscientes feiticeiros haviam deixado theorias que a sciencia actual perfilhara. Elles affirmavam ser identica a composição dos metaes, isto é, a differença entre o ouro e o ferro, por exemplo, era a proporção dos elementos de que são formados. Havendo assim um corpo, ou antes um agente que alterasse as proporções dos elementos constituintes da materia, daria em resultado a mudança de um corpo em outro, o cobre em ouro, o chumbo em ferro, etc. O agente, ou força que transformava o corpo, que lhe mudava a individualidade, conservando a substancia, alterando somente as proporções das moleculas, era a sonhada — *Pedra Philosophal*.

A sua formula existira, sabiam-na os que celebravam a *missa negra*; mas perdera-se no transcorrer dos seculos. Alguns signaes cabalisticos, intraduziveis, ficaram attestando a sua existencia. O mercurio dos philosophos e dos sabios, não era o mercurio metal, era um composto de diversas substancias, que se perderam na memoria dos povos, subs-

tancias que se combinavam sob a acção de forças sobrenaturaes, que agiam sob influencia do demonio.

A transmutação se fazia por um liquido chamado *leite da virgem, leão verde*.

O seu poder era de tal natureza que uma onça de mercurio dos sabios transformava em cem onças de ouro o mais vil metal.

Paterson queria descobrir a *Pedra Philosophal* com a chimica e não com a alchimia. O methodo experimental, a analyse, a synthese, que faltavam aos alchimistas na Idade Media, elle os tinha e com o seu auxilio chegaria á grande descoberta. O fracasso dos seus predecessores — pensava — devia-se á crença de que a transmutação dos metaes se fizesse ao ar livre. Para elle, o oxigenio da atmosphera, com o seu poder oxidante impedia que se alterasse a proporção dos elementos da materia.

Um sem numero de experiencias havia feito sem resultado. Exgottára os seus conhecimentos. Restavam-lhe pesquisas no vacuo. Falhassem, embora, estas, continuaria, pois grandes descobertas têm sido feitas pelo acaso. A composição do ar atmospherico não se deve a Lavoisier e sim ao imprevisto.

Semanas e semanas passou ao lado de uma machina pneumatica e os metaes não se transmutavam. Agora estava quasi convencido de que era o *ether* que se oppunha ao exito de suas experiencias. O ar conseguira eliminá-lo; mas o *ether* que era imponderavel, que estava em toda a parte, dentro dos proprios atomos, como supprimil-o? Quando estudára o atomismo, impressionara-o a theoria do ether.

Era uma arrojada hypothese esta de que a sciencia

se servia para explicar certos phenomenos que se passavam na natureza. O que se julga hoje um facto real, uma verdade, o futuro amanhã não provará ser uma hypothese ?

A *Pedra Philosophal* não servia, pensava Paterson, somente para mudar em ouro todos os metaes, mas tambem para preparar um filtro cuja principal virtude era restaurar a saude nos orgãos doentes do corpo, remoçar as celulas envelhecidas, dar ao homem grande longevidade, supprimir quasi a morte.

Desenganado de obter a transmutação dos metaes, dedicou-se ao estudo do filtro de longa vida. Não queria supprimir a morte, concorrer para a maior desgraça do genero humano.

King Paterson não queria um filtro que impedisse á vida percorrer todas as etapas que lhe marcou a natureza, mas descobrir o antidoto da molestia da civilização, o contra-veneno da nevrose que, sob diversas modalidades, mina aos poucos a vida dos povos civilizados. A ultima guerra, aquelle ataque de epilepsia colectivo, fôra aviso de uma futura catastrophe, que sacudirá os nervos de todas as nações do mundo numa formidolosa crise epileptica, se em tempo não se applicar um poderoso nervino.

Abandonou os mineraes pelos vegetaes. Deixou o laboratorio pelo campo. Ao despontar o dia sahia a herborisar, e quando se recolhia á casa, ás vezes ao sol poente, era carregado de folhas, flores, hastes, raizes e fructos. Colhia de preferencia plantas do grupo das «mimosas».

Paterson começou as suas pesquisas com o microscopio. As plantas eram previamente dissecadas, sendo seus estudos feitos de preferencia na «mimosa pudica», planta que tinha nervos, sentia.

Já a tinham chloroformizado e ella, sob a acção do anesthesico, portára-se como animal.

Paterson conseguiu fazer o estudo da enervação da sensitiva e delle tirou conclusões que bastante o animaram a proseguir em seu projecto. Era preciso, parecia-lhe, misturar o sensorio vegetal com o sensorio animal para obter um producto sedativo de extraordinario poder. Era o — «contraria contralis curantur».

O rachis de um saurio de escamas douradas, muito indolente, habitante das altas penedias, foi escolhido para as suas experiencias.

Os nervos do lagarto, misturados aos da «mimosa pudica» e vinagre, foram levados ao vasio e ahi estiveram vinte e um dias, tempo este que Paterson julgou sufficiente para se dar a combinação.

Começou as experiencias fazendo injeccões intravenosas do liquido obtido, em cobaias. Surprehendeu-o o resultado: um centimetro cubico injectado na veia produziu a morte do animal quasi instantanea, em horriveis convulsões tetanicas. Estava descoberto o «nevrozicida». Era preciso atenuar a força do medicamento, dosal-o.

Passaram as experiencias a ser feitas em coelhos: uma serie de immunisações, até o animal supportar uma dose de morte sem o mais leve abalo da saude. Continuou as experiencias em cavallos, dos quaes, depois de immunizados, extrahiu o sangue e deste o sôro, com o qual preparou um elixir que denominou «nevrozicida».

De posse do segredo, sua alma de yankee não acariciou a altruistica idéa de revelal-o a bem da humanidade. Os Pasteur são divindades que apparecem de millenio sem millenio. Só os predestinados, os stoicos, supportam

uma vida inteira de claustro, na escuridão de um laboratório, vergados sobre a mesa de analyses, cercados de um sem numero de aparelhos, procurando o antidoto da dor, dos males do genero humano, dando combate á morte. E si, depois de annos de exhaustiva labuta, de prolongadas noites de vigilia, conseguem descobrir o remedio da raiva, da diphteria, do carbunculo, não fazem da descoberta um monopolio em beneficio proprio, regeitam pelo segredo avultadissimas sommas, respondem ás propostas que se lhes fazem que o segredo não lhes pertence e sim ao genero humano. A modestia destes santos chega ao ponto de desvalorisarem a sua obra affirmando não ser ella producto de seu esforço, de seu trabalho, mas do de milhares de gerações, de homens que os precederam construindo o vasto templo da sciencia.

Paterson não comprehendia as filigranas affectivas do latino. Anglo-saxão, via a vida por prisma differente. A remuneração do trabalho impunha-se-lhe ao espirito como o instincto da conservação.

Havia gasto annos inteiros a illustrar-se, dispendido grandes sommas com a cultura de seu espirito, immobilizado portanto um capital, para, no momento de usufruir os lucros, pagar-se do trabalho desvendando o seu segredo, a bem do genero humano? ... Seria um fraco, um vencido, se assim o fizesse. Cometeria um erro, um crime contra a humanidade.

Rockfeller se tivesse desde o começo de sua vida distribuído, entre os que soffrem, parte de seus lucros, si não os tivesse accumulado, não seria um bemfedor do genero humano. O dinheiro ter-se-ia escoado de sua bolsa para a sacola do pobre, porém á surdina, sem reclame

quasi inutil, e o nome se lhe apagara logo após a morte. Pouco valor teria a sua obra. O que Rockefeller fez deu muito melhor resultado. Accumulou um grande thesouro e depois espalhou pelo mundo inteiro a sua philantropia. Não se limitou a beneficiar a sua patria, ultrapassou-lhe os limites e foi levar a povos de outras terras e de outros climas allivio ás suas enfermidades.

Paterson queria primeiro ser remunerado, que se lhe pagasse capital e juros para depois alliviar, se quizesse e como entendesse, os soffrimentos humanos.

Os milhões que Pasteur rejeitára pelas suas descobertas, Rockefeller os gastava agora espalhando pelo mundo inteiro a obra e a gloria do sabio francez.

CAPITULO II

PATERSON EMBARCA PARA LONDRES.

PREPARADO o nevrozicida, foi enfrascado e primorosamente rotulado, para entrar em circulação.

O baptismo do remedio seria a reclame, mas como preceitúa o ritual americano: intelligente, berrante, a accor-
dar o publico absorvido na intensa luta pela vida.

Paterson, não se achando habilitado para tão difficil tarefa, dirigiu-se a um especialista e contractou por alguns mil dollares o plano da propaganda. Não seria o annuncio esteril de quarta pagina de jornal, mas annuncio que impressionasse por um ou mais sentidos.

New-York despertou um dia atordoada com a reclame do nevrozicida. Lia-se o annuncio por toda a parte. Cartazes, affixados nos lugares mais frequentados pelo publico, representavam, em bellissimos chromos, diversos doentes que com o milagroso remedio haviam alcançado a cura. Bandos de palhaços, vestidos de corres berrantes, percorriam as ruas, a fazer piruetas, distribuindo reclames. Uma walsa intitlada — Nevrozicida — ouvia-se, tocada por fanfarras ambulantes, espalhando-se por todos os cantos da cidade. Em todos os bairros estava o annuncio. Os vehi-

culos levavam-no affixado, dentro ou fóra, para que fosse visto por todos.

Um aeroplano fazia evoluções, atirando sobre New-York nuvens de prospectos. Um canhão automatico detonava de 15 em 15 minutos, vomitando milhares de annuncios pelos suburbios da capital, a alguns kilometros de distancia.

A nova do apparecimento do nevrozicida havia chegado a toda parte. A maioria não acreditou na panacéa, porém um sem numero achou possivel a descoberta. Eram estes os doentes que o remedio dizia curar, eram os nevroticos, em suas modalidades diversas, que viam surgir uma esperanza e que, na sua desgraça de condemnados ao eterno soffrimento, não podiam deixar de acarinhá-la.

O successo do remedio excedeu a expectativa do dr. Paterson. Muitos doentes, altamente suggestionados por si proprios, curaram-se. Estas curas por auto suggestão foram o maior dos reclamos.

A filha de um archimillionario, paralytica e hysterica, caminhou e ficou sã, o que deu mais fama ao remedio.

Os habitantes da cidade foram-se convencendo pouco a pouco da efficacia do remedio, mesmo os que tinham condemnado a descoberta.

No fim de alguns mezes, Paterson estava millionario. Possuia uma somma dez vezes maior que a que havia gasto, porém queria ser mais do que Rockefeller. Os Estados Unidos não lhe podiam dar os milhões, que sua ambição desejava.

Exploraria a Europa. Iria a Londres, Paris, Berlin, Vienna, aos grandes centros do mundo, enfim.

Dispoz os seus negocios e embarcou para Londres em um transatlantico inglez.

O navio era enorme e de todo o conforto.

As alegrias daquelle pequeno nucleo humano contrastavam com as tristezas do oceano.

A vida a bordo passava-se num intermino contentamento. A par dos gosos de opipara mesa, as diversões do espirito.

Durante o dia fazia-se musica, cantava-se, dansava-se.

A' noite, cinema, theatro e dansas.

Para não ficarem segregados do mundo, havia imprensa a bordo, que pela manhã noticiava os factos mais importantes occorridos em toda a terra. Eram os milagres da telegraphia sem fio.

A viagem ia-se fazendo entre risos e cantares.

Um dia o mar irou-se; a sua superficie, que era qual a de um lago de saphira, crispou-se, fez-se revolta, grandes ondas se ergueram em montanhas alterosas e o navio, que vinha singrando como um batel em quedas aguas, tornou-se um joguete nas mãos do enraivecido titan.

A bordo não mais se ouviu uma nota alegre.

O vento uivava nas obras mortas do navio, querendo destruil-as.

Os passageiros, amendrontados, recolheram-se aos camarotes, e afflictos avaliavam a furia da tempestade pelos tombos da embarcação, que espinoteava saccudida pelas ondas numa instabilidade perenne.

A maruja a postos e o commandante no passadiço eram testemunhas d'aquelle imponente drama.

Que podia oppor a humana força á furia desencadeada do vento e do mar?

Os mastros rangiam na imminencia de serem arrancados pelo vendaval. As gaveas tinham sido quebradas e o vento as lançara ao mar. As bigotas e os cabos se haviam rompido e as enxarcias, cahidas a meia nau, eram aos poucos carregadas pelas ondas.

As helices moviam-se no ar quando o navio, trepado á crista de uma vaga monstruosa, afocinhava no abysmo.

As ondas varriam a coberta, espadanando espumas de bombordo a estibordo, salpicando até as cestas das gaveas, não alagando o navio, não o afundando por se acharem fechadas as escotilhas.

Parte das obras mortas tinham sido levadas pelas vagas. Os mastros achavam-se de todo nús. Até as antennas do telegrapho tinham desaparecido.

Embora sua grande tonelagem, a tempestade brincava com o navio como um pedaço de cortiça. Havia dez horas que começara a tormenta. Fôra precisamente á meia noite, quando o sarau ia em meio.

Eram dez horas do dia, o sol estava alto e o céu parecia envolto ou alumiado pela claridade baça de um crepusculo vespertino equatorial.

O vento foi amainando, tornando-se brando, acabando em brisa. O mar que se erguia em altas rochas foi se achatando e a sua superficie cavada, nivelou-se como a face de um tranquilo e sereno lago.

A treva foi pouco a pouco esmaecendo, diluida pela luz, o mar, o céu, o navio individualisando-se na grande tēla, os uivos da tormenta calando-se, e dominando tudo o silencio das solidões marinhas.

Camões já havia cantado o contentamento até das cousas depois de «procellosa tempestade».

A bordo, voltava a vida com esperança de «porto e salvamento».

Os camarotes foram se esvasiando e os salões enchendo-se. As figuras dos festeiros, amarrotadas, nem pareciam aquellas de dias atraz, frescas e rubicundas as feições e o espirito alegre e socégado.

Dez horas de temores e de sobresaltos, a mudança brusca da paz para o perigo, da alegria para a tristeza, tinham-lhes cercado os olhos de roxo, da aureola da vigilia e da meditação.

O commandante fiscalisava o serviço da maruja no concerto das pequenas avarias, que o das grandes era impossível fazer.

As machinas estavam desarranjadas. O navio, meio desarvorado, não chegaria a Londres. Era preciso arribar. O commandante reuniu os passageiros e expoz-lhes a situação.

O peor é que a tempestade os havia isolado do mundo, destruindo o apparelho telegraphico e impedindo assim qualquer pedido de soccorro. Nem das velas podiam valer-se, pois o vendaval as havia arrancado dos mastros e sepultado no mar.

Arrastando-se, com uma marcha de cinco milhas por hora, o transatlantico seguia para desconhecido porto.

CAPITULO III

A CAPITAL DO REINO

O susto havia passado, a vida voltado a bordo, mas sem os encantos dos primeiros dias.

O jornal suspendera a publicação por falta de notícias. Foi o que mais sentiram os passageiros. Acostumados a ler pela manhã as novas dos factos mais importantes que se passavam em todo o mundo, não se conformavam com semelhante situação.

A' noite os salões ficavam desertos.

Todos viviam mais ou menos aprehensivos. Não sabiam para onde os levaria a sorte, nem que tempo duraria a derrota.

Uma manhã luminosa e serena, avistou-se terra. Muito longe, no horizonte appareceu um quasi imperceptivel ponto negro, que foi crescendo á medida que o navio se aproximava.

— Terra á vista!... E a alegre nova se espalhou em instantes pelo vapor inteiro.

O transatlantico ia se arrastando com uma miseravel marcha, o que estava em desaccordo com a pressa que os passageiros tinham de chegar.

A manhã escura foi crescendo, illuminando-se. Já se delineava a perspectiva de um porto com os seus navios.

Os passageiros, debruçados na amurada, olhavam pelos binoculos, pretendendo ver telhados e chaminés de fabricas. O commandante ignorava em que porto ia fundear.

Aquella terra não figurava no mappa-mundi. Os passageiros inquiriam em que terra iam aportar; o capitão calava-se.

O navio cortava agora as aguas quietas da vasta bahia. A cidade estava de todo á vista. Via-se a silhueta da casaria, divulgava-se o vermelho dos telhados e as torres das igrejas.

O navio aproximou-se do caes e arreou o ferro. No topo do mastro grande, tremulava havia minutos o pavilhão inglez.

Passou-se o resto do dia, chegou a noite e a terra não se communicou com o vapor. Extranho caso!

Acostumados a receberem as visitas da saude e da alfandega ao entrarem nos portos, achavam exquisita semelhante infração ás leis geraes.

Mas, ás primeiras horas do dia seguinte, viram um escaler cortando as aguas rumo do transatlantico. A embarcação atracou. Os passageiros, apinhados nas amuradas, tinham os olhares nos tripulantes. Eram estes o homem do leme, o do motor electrico e mais duas personagens.

Os recémvindos causaram estupefacção ao pessoal do vapor, que pasmou diante da figura daquelles homens altos, tão altos que mediam mais de dois metros, e que, atravez de uma vigorosa carnação, denunciada na fresca e rosada côr da pelle, exhibiam a mais perfeita saude.

Arreada a escada, subiram. Um dos visitantes diri-

giu em inglez a palavra ao commandante: era o representante da Saude Publica. Indagou do estado sanitario a bordo, se havia alguma pessoa doente de molestia contagiosa. Obtendo resposta negativa, deu por findo o inquerito.

Chegou a vez do outro visitante, o agente do governador da cidade, o qual se limitou a entregar ao commandante alguns exemplares de um manifesto dos poderes publicos do reino de Kiato, escripto em diversas linguas.

Depois retiraram-se, permittindo o desembarque dos passageiros, com a condição de serem observadas com todo rigor, as leis do Reino, expressas no manifesto entregue.

O commandante leu o seguinte:

«A todos que aportarem ao reino de Kiato faço saber que: — sendo prohibida a fabricação do alcool e de liquidos que o conttenham, como o maior factor que é da degeneração physica, e perversão moral do genero humano, é condemnado á morte todo aquelle que infringir essa lei humana e sabia;

os que desembarcarem em estado de embriaguez, offendendo a sã moral dos habitantes do Reino, dando um exemplo pessimo de sua corrupção, serão presos e enviados ao navio de que são passageiros e este intimado a deixar o porto dentro de duas horas;

prohibido o plantio e, ipso-facto, a manipulação e o uso de fumo, causa que é de graves desordens organicas que encurtam a vida, serão presos e deportados os que clandestinamente procurarem restaurar o uso e o plantio do fumo em Kiato;

é prohibido o desembarque em todos os portos do Reino aos doentes de molestias contagiosas».

Ao dr. Paterson coube um exemplar do manifesto. A figura masculina dos homens que haviam visitado o navio e agora os dizeres do edito despertaram nelle a curiosidade de ver aquella terra em que se havia solucionado o maior problema social — a extincção do alcoolismo.

Paterson era um emerito bebedor e um inveterado fumante; mas, mesmo assim, não podia deixar de admirar a grande conquista em prol da saude, da moral da humanidade. Queria ver como viviam as gentes, que se haviam libertado do jugo do maior dos tyranos, que envenena cinco gerações successivas. Queria ver o povo que teve a suprema ventura de exterminar de seu seio o maior dos matadores.

Disposto a sacrificar o whisky e o tabaco por alguns dias, desembarcou.

As suas surpresas começaram no caes.

O escaler atracou em uma escada de largos degraus de marmore negro. Subiu-a. Chegando ao patamar, aproximou-se-lhe um homem que lhe pareceu agente do poder publico. Trajava roupas leves de brim e não trazia insignias de autoridade. Era um latagão de mais de dois metros de altura, espadaudo, thorax largo, côr rosea, physionomia-alegre. Saudou o dr. Paterson em francez, e, como este tivesse correspondido ao cumprimento em inglez, pediu nesta lingua que lhe desse o nome, profissão, idade, naturalidade, e destino, pois ficaria sob as vistas da policia. Satisfeitas as exigencias do agente, Paterson seguiu rua afóra.

Era original tudo quanto ia vendo. As ruas eram todas de construcções elegantes, isoladas por jardins. De mil em mil metros uma praça arborizada de plantas

que se conservavam vestidas todo o anno e, nos claros, can-
teiros de todos os feitios, emmoldurados por uma grama
de folhinhas meudas, cujas nervuras pareciam de ouro.
Dentro das molduras verde-gaio, formando losangos, qua-
drilateros, trapezios, cresciam rosas, jacynthos, lyrios, tuli-
pas, de um vigor, frescura e perfume em tudo differentes
do que até então tinha visto em outras partes do mundo.
Paterson parou, impressionado pelas cores vivas das corol-
las e pelo suavissimo perfume que dellas se evolava. Havia
ali flores que não conhecia.

O viço dos vegetaes estava de perfeito accordo com
o vigor dos homens.

Uma roseira, sobretudo, prendia a sua attenção. Era
uma rosacea, anã, de longos aculeos curvos e acerados, fo-
liolos pequenos, com o limbo luzente, como prateado.

A flor era exquisita e curiosa. Tinha corolla de um
sem numero de petalas azul ferrete, quasi negro, como
que brunidas, com reflexos metallicos, e no centro os or-
gãos de reproducção, alvos como arminho; engastava-se num
pedunculo curto, envolvida num ambiente de delicado e
subtil perfume.

Seus olhos não se cansavam de mirar aquella belleza,
quando viram outra belleza suspensa de um galho da roseira.

Era uma cysallida, uma joia que resplendia aos
raios do sol.

Quiz apossar-se della, mas conteve-se; seria um cri-
me de prisão ou de degredo. Contentou-se com se aproxi-
mar quanto poude e de perto apreciar aquella maravilha
da natureza. Embevecido ficou quando viu que a tunica
que envolvia a nympha, em seu somnio de cysallida, era uma
joia de subido valor, como artista algum havia imaginado.

O corpo era de ouro, a cabeça de platina e o dorso tinha, engastado em cada articulo, um rubi espinela.

Paterson havia visto crysallidas de um sem numero de variedades de borboletas, mas nenhuma egual a esta.

Amando a natureza com os seus apurados sentidos de artista, com uma solida cultura de Historia Natural, visitava a crysallida todas as manhãs, cada vez mais enamorado de sua belleza.

Uma manhã, qual não foi a sua decepção, quando encontrou vasio o sudario que amortalhára a nympha, mas um sudario como feito de escuro pergaminho sem reflexo metalico, sem uma joia, semelhante a uma escara de ulcera.

No chão, uma pequena borboleta côr de chocolate, feia, se arrastava, com as azas ainda humidas, esperando que seccassem para voar.

Paterson soube mais tarde que essa rosa se chamava rainha de Kiato.

Farto o antigo herbanario de apreciar tantos specimens curiosos, seguiu rua a fóra,

Andava e parava, estupefacto com as maravilhas que seus olhos iam vendo. Tudo ali era diferente e superior ás outras agremiações humanas que conhecia.

Os transeuntes que ia encontrando obrigava-os a parar para contemplal-os — exemplares perfeitos de virilidade, de força, de saude. O seu trajar era modesto e de perfeito accordo com os preceitos da hygiene.

A vestimenta das mulheres, que em todos os paizes pecca pelo exagero, pelo descaso da saude, pela infracção ás leis do pudor, da decencia mesmo, ali era moldada nos mais sãos principios da hygiene e da moral.

Bellas mulheres, mais bellas do que as inglezas quando bellas e novas. Que elegancia no porte, que modestia no vestir!... Nellas não havia os artificios da moda: apresentavam-se como eram. As faces coradas não de arrebique, mas do carmim da saude. A vida via-se nellas espocar por todos os poros da carnação sadia. O busto conservava-se erecto, em perfeita elegancia, não obedecendo o porte á constricção do espartilho, cujo uso havia sido condemnado como nocivo á saude. Quem o usasse pagaria pesada multa e, na reincidencia, a pena de prisão por cinco annos.

Paterson olhava a estatura das mulheres, fóra do commum, se bem que muito de accordo com a dos homens, e reparou o calçado. Grande foi a sua admiração quando as viu, senhoras solteiras e casadas, usando sapatos de tacão baixo como o dos homens. Este uso havia sido imposto por uma lei que punia com grande multa o sapateiro que fizesse calçado de tacão alto.

Aquellas mulheres tinham a graça natural do sexo, graça sem affectação, sem coquetismo. As louras eram louras; não mudavam a côr dos cabellos pelo artificio.

Paterson, depois de ter caminhado algum tempo, notou que a edificação se modificava, que havia soberbos edificios, sobrados de dois, tres e quatro andares, predios de architectura antiga, uma cidade velha cercada pela cidade nova. As habitações não eram isoladas nem ajardinadas. Era a capital do Reino no tempo da decadencia, quando o uso do alcool ainda não havia sido abolido.

O dia estava alto. Paterson procurou um hotel. Estrangeiro, pediu informações ao primeiro transeunte que encontrou. Com muita attenção e cortezia, offereceu-se este a acompanhal-o á hospedaria unica que havia no lugar.

Seguiram e pouco tiveram que caminhar para se achar em frente do hotel, um prédio de construção antiga, mas de fachada limpa, como se tivesse sido edificado ha pouco tempo.

Paterson agradeceu a gentileza do cicerone e subiu a escadaria do sobrado. Achou-se em breve na sala de espera do primeiro andar, um compartimento pouco espaçoso, de aceio rigoroso, bem mobiliado: ao centro, uma mesa coberta de marmore, sobre a qual um livro; ao lado, uma escrivanã. As paredes eram nũas, á excepção de uma em que estava suspenso um quadro com estes dizeres :

CODIGO DO HOTEL

Aquelle que se abrigar aqui estará em perfeita segurança, não só a sua pessoa como os seus haveres garantidos pelas leis as mais sabias do mundo.

Exige-se que o hospede cumpra os seus deveres e respeite os direitos dos outros.

O uso do alcool é aqui prohibido, sob pena de morte e tambem o do fumo, sob pena de expulsão do Reino.

O hotel fecha-se ás 10 horas da noite.

Antes de annunciar-se, leia a tabella de preços, condições, e caso accite inscreva-se no livro que tem á vista: nome, idade, naturalidade, profissão, o navio em que aportou, data e destino.

Depois, sente-se um minuto em posição de ser photographado annunciando-se pela campanha electrica».

Paterson achou muito original tudo aquillo, mas satisfez as exigencias e annunciou-se.

Abriu-se de prompto uma das portas que davam para o interior da casa e appareceu o dono do hotel. Parecia que o espiavam.

Pela figura viu Paterson que era um estrangeiro: não tinha o porte, a estatura, o facies dos naturaes que até então tinha visto. Saudaram-se em inglez. Paterson, trocadas as primeiras palavras, pensou falar com um conterraneo. Não era, nascera na Inglaterra.

Não houve o abraço apertado do latino, mas o energico aperto de mão do inglez.

Paterson, guiado pelo hoteleiro, entrou para o interior da casa, atravessando os compartimentos maravilhado pela ordem, pelo aceio de tudo.

A luz entrava por toda a parte e o ar circulava em todas as direcções. Respirava-se uma atmosphaera leve, impregnada daquelle perfume todo especial, que se desprende das cousas bem tratadas e limpas. Jarros de flores alegravam as salas. Nos peitoris das janellas enredavam-se trepadeiras numa irama verdoenga, salpicada de pequeninas corollas multicores e cheirosas.

Via-se a hygiene pontificando em todos os cantos. Si em um hotel havia tanto culto á saude, imagine-se nos domicilios! E todos esses preceitos eram observados espontaneamente, sem a fiscalisação dos poderes publicos.

Paterson foi agasalhado no quarto n. 50, esplendido compartimento com duas janellas para o jardim, as quaes o arejavam e illuminavam fartamente. As paredes pareciam envernizadas, tal o polimento da argamaça amarello desmaiado.

No canto, uma banca com um jarro de bellas e perfumosas flores. Uma commoda, uma secretaria com seus pertences, um guarda roupa, cabides, cadeiras, uma estante com livros e um leito coberto de alvos lençóis de linho completavam o mobiliario. N'uma das paredes um apparelho telephonico. No fundo do quarto um lavatorio de marmore com seus pertences aos lados, duas estreitas portas, uma que dava para o banheiro e outra para uma sentina, que impressionava não só pelo systema como pelo aceio.

No pequeno quarto sentia-se a mesma atmosphaera leve de toda a casa.

A's onze horas precisamente soou o telephone. Paterson ia levantar-se para chegar ao apparelho, quando deste lhe disseram, em voz bastante clara, que estava servido o almoço. Ficou perplexo. Este povo, não havia duvida, andava na frente de todos os outros.

Minutos depois, estava na sala das refeições. Sentaram-se á meza redonda seis hospedes, estrangeiros quasi todos. Não sabia Paterson o que mais admirar, si a baixella de prata, si o serviço de porcellana, fabricação de Kiato.

Foram servidos diversos pratos: ovos, legumes, hortaliças, peixe, fructas e doces. Não se serviu chá, nem café.

Depois do almoço, Paterson sahiu. O viver original daquella gente, os seus habitos e costumes interessaram-no extraordinariamente.

As horas escoavam-se de surpresa em surpresa.

Aonde iria ? pensou.

Um bonde electrico passava. Tomou-o. O carro era

luxuoso, os assentos os mais commodos que se podiam imaginar.

Logo que se sentou, o conductor, um homem de fina educação, apresentou-lhe uma bolsa para a esportula, grande ou pequena, conforme quizesse. Poderia tambem deixar de fazel-o, visto ser um tributo facultativo, — disse-lhe em inglez o encarregado do vehiculo.

Paterson, surprehendido com semelhante systema de cobrança, deixou cahir dentro da bolsa uma pequena moeda.

O carro vinha cheio, somente de homens. O americano, que tudo observava, viu que dentre os passageiros não houvera um só que se recusasse a dar a esportula.

— Que terra! que povo!... dizia comsigo.

Depois de um passeio de alguns kilometros voltou para o hotel. A parte da cidade que atravessava era outra: as casas de construcção leve, elegante, cercadas de jardins.

Onde seria o bairro dos pobres, dos operarios?

Seria possivel que naquella cidade todos fossem abastados?

Observando com mais attenção as vivendas, notou a differença entre a casa do pobre e a do rico. A d'aquelle era menor, de fachada simples e, em vez de jardins, era cercada de canteiros de hortaliças; apenas um, em frente á casa, e este mesmo pequeno, exhibia flores, roseiras e tulipas.

Poucos eram os transeuntes. Era a hora do trabalho e as gentes da cidade deviam estar nas fabricas e nas officinas. Ouvia-se aqui, ali a chiadeira das machinas, o zum-zum dos teares, o ruido das roldanas, o sibilar das polias, o atrito das engrenagens, fundindo-se todos estes ruidos num-

som unico, grave, rouco, que se espalhara pelas cercanias das fabricas, das officinas.

Paterson ia a passo lento, saboreando com o fino tacto de seu espirito culto o delicioso viver daquella gente.

Chegou ao hotel quasi á hora de jantar.

Feita a refeição, conversou algum tempo e ás 7 horas da noite sahiu para vêr a vida da cidade quando se acabava o dia.

Na rua, sentiu a impressão de estar em um reino encantado.

As lampadas electricas scintillavam por toda a parte, com claridade tal que se liam á distancia os cartazes, appensos ás paredes, em letras miudas.

Os jardins publicos, que eram innumerados, começavam a encher-se de gente. Parecia que toda a população da cidade deixava as casas e vinha esparecer nos logradouros publicos, divertir-se nos cinemas e theatros.

De todos os lados vinham symphonias. As musicas eram alegres, consoante a alma daquella gente.

Paterson entrou num dos jardins para ver como se portavam ali os visitantes. Ficou maravilhado. Os bancos estavam repletos. Cavalheiros e senhoras passeavam pelas alamedas conversando. Que cordialidade e que maneiras fidalgas! Senhoras casadas e solteiras riam e palestravam com guapos mancebos, sem derriços, nem coquetismo.

Sahiu e entrou num cinema. Que optima impressão teve! Nunca vira uma disposição tão sabia, aliando o util ao adoravel. O salão era espaçoso. Tão bem dispostas eram as communições do ar de fóra com o ambiente da sala, tão bem collocados os ventiladores, que, embo-

ra o calor reinante, sentia-se uma aragem fresca, e não a quentura, o afogadiço de atmospherá confinada.

O serviço technico era o que de perfeito podia de-sejar-se.

Paterson, que queria avaliar a moral daquella gente pelas fitas que se iam exhibir, teve agradavel surpresa. Nunca vira cousa igual. Todas as scenas, todos os episodios tinham um unico fim: — «fortalecer e levantar o espirito na pratica do bem».

Reviviam aquelles lances a vida do povo, a sua educação civica e domestica. Nem uma passagem naquelles dramas humanos falava do crime, ensinando ou incitando a commettel-o. A maldade era execrada, não se descrevendo, porém, os seus multiplos modos de agir...

O alcool, como o maior factor das desgraças do genero humano, era a materia dos dramas.

Um destes agradou-o bastante. Era no tempo da decadencia. Um operario casado, com filhos, arrastava uma vida de miserias, embriagando-se diariamente. A' tarde, sahindo da fabrica, entrava na taverna e ahi ficava até tarde da noite quando se recolhia, bebado, á casa.

O pequeno jornal era quasi todo gasto com o alcool..

A familia soffria privações. A mulher e filhos viviam semi-nus e mal alimentados. Aquelle lar era triste com todo o desconforto da morada do vicio.

Desappareceram um dia as bebidas alcoolicas por um golpe de Estado de uma energia quasi sobrehumana. Não foi, porém, creando pesados impostos, sobre bebidas alcoolicas, mas prohibindo a sua fabricação.

O tempo passa e naquella habitação, onde até então só se ouvira gemer e praguejar, raia a alvorada de uma

nova era. Já ha sorrisos com o renascimento da esperança de melhores dias.

O chefe da familia regenera-se, ou antes não bebe mais porque não tem o que nem onde beber. A sua vida normalisa-se, da fabrica para casa. A fome e a nudez desaparecem do lar. Estão salvas as victimas do alcool.

A sessão cinematographica terminou ás 9 horas e 45 minutos. Ao soarem as dez, entrava Paterson no hotel, precisamente quando os sinos de todas as igrejas badalavam, precisamente seis vezes, o toque de «recolher».

Mal foi ouvido o signal, e a grande capital recolheu-se para dormir.

Desertos ficaram os parques. A guarda urbana, que devia, áquella hora, percorrer a cidade, tinha sido extincta, havia muitos annos por desnecessaria. O cidadão de Kiato, cumprindo religiosamente os seus deveres, respeitando os direitos dos outros, não precisava que a força publica velasse pela cidade.

CAPITULO IV

A IMPRENSA

PATERSON passou a noite em sonhos alegres. Pela manhã, despertou satisfeito. Já os jornaes do dia estavam sobre a secretaria. Como tinham chegado até ali, ignorava.

Feita a toilette, refestelou-se numa poltrona, com os cinco diarios da terra. Estava curioso por conhecer a imprensa de paiz tão original, que lhe parecia o reino das mil e uma noites.

O primeiro jornal que abriu maravilhou-o pela feitura material. Papel e impressão não podiam ser melhores. Era escripto em inglez. Começou a leitura e logo se interessou. Era um bem lançado artigo sobre hygiene escolar. Leu-o, num crescendo de enthusiasmo. As ideas expendidas eram novas e os conselhos de alta sabedoria.

Seguia-se-lhe outro artigo — «Desordens produzidas pelo tabaco no organismo humano».

Leu e pasmou deante da erudição do autor. As molestias originadas pelo uso do fumo eram tratadas com proficiencia. As desordens dos centros nervosos atacados de preferencia pela nicotina descrevia-os com simplicidade, com clareza, ao alcance de todas as intelligencias

As falsas intermitencias do coração e alguns tics nervosos mereciam aprofundado estudo.

O terceiro artigo intitulava-se: — «Água que não é potável e aseptica não deve ser usada». Paterson leu com prazer aquella excellente lição. O autor provava que uma água pode ser potável e não ser aseptica e vice-versa.

O que causou pasmo ao americano foi a descripção do manancial que abastecia a cidade, obra que tocava ás raias do inverosiniil. Não era a obra d'arte em si, o enorme tanque de marmore que servia de reservatorio, os filtros inventados por um engenheiro da terra e fabricados com uma argila especial, superiores aos de Pasteur, o systema rapido de arejar água, a téla metallica de malhas meudas evitando a entrada do menor insecto, a cobertura do manancial a certa altura da superficie d'água, permittindo a circulação do ar, mas impedindo o menor raio do sol, não era tudo isso o que deveras maravillava e surprehendia Paterson. Era a resolução do grande problema — a destruição das toxinas sem prejuizo das qualidades potaveis e inocuas da água.

Seguia-se-lhe um artigo com esta epigraphe: — «A syphilis é o segundo flagello que persegue a humanidade.»

Era uma lição em estylo simples, mas fluente, o historico desta terrivel enfermidade, extincta no Reino. Mostrava como destroe o organismo humano, sua transmissão a successivas gerações. Provava com grande clareza que o virus é levado pelo spermatozoide ao ovulo e como este é fecundado e ao mesmo tempo infeccionado. Assim, ao feto se transmite a syphilis do organismo que o gerou. Provado como o ser se contamina na vida uterina, explicados estão os abortos, os «natimortus», as creanças

que morrem de fraqueza congenita, dias depois de nascidas. O autor, para corroborar suas asserções, publicava uma estatística dos natimortus e dos recém-nascidos antes e depois da extinção da syphilis. O valioso documento era um attestado insophismavel contra aquelle virus.

Por elle se via que, dois annos depois de desapparecida a syphilis, a cifra dos obitos foi decrescendo annualmente e que, quarenta annos depois, foi registrado um só «nati-mortus».

Seguia-se uma serie de considerações e de conselhos de prophylaxia, não áquelles que viviam no Reino, mas aos que estivessem em via de sahir, pois onde quer que fossem haviam de encontrar-se com o flagello.

Os casos pathologicos, os mais horrorosos de origem syphilitica, eram relatados de modo a impressionar os mais indifferentes. A syphilis era, como o alcool, inexoravel; não se limitava a atacar a victima, não se satisfazia em vel-a apodrecendo carnes e ossos, em desfigural-a, tornal-a abjecta, repellente, exsudando pús por todos os poros; levava seus males á prole, a cinco gerações seguidas. E fora este monstro, cuja peçonha é tão virulenta, tão resistente, que passa do pai ao filho até o filho do trineto, que um rei energico e sabio, um predestinado, depois de uma lucta de algumas dezenas de annos, conseguira matar.

Seguia-se o artigo: «O alcool é o factor primordiál do suicidio». Pagina de moral e de sciencia, descrevia scenas sentidas e vividas. O autor provava que o suicida é um alienado, que foi procreado por um alcoolico, como tambem o epileptico, o assassino nato, o ladrão, emfim todos os tarados, a escoria vil da pobre humanidade.

Depois de varias considerações, de exemplos os mais

frisantes, provando ser o alcoolismo uma enfermidade hereditaria, contra a qual, salvo rarissimas excepções, são de nenhum effeito a vontade e os conselhos baseados na san moral, publicava uma estatistica dos crimes praticados em Kiato antes e depois da abolição do alcool.

Os suicidios, os assassinatos, os roubos, os attentados ao pudor, o adulterio, todos os crimes foram decrescendo até se acabarem de todo. Fazia vinte annos que se tinham fechado as penitenciarias do Reino.

As duas primeiras paginas do jornal constavam de artigos uteis á collectividade, de estudos de agronomia, ensinando a amanho os terrenos, cultivá-los, adubá-los, aconselhando a melhor qualidade de adubo para esta ou aquella especie vegetal. As outras duas paginas eram reservadas a annuncios, mas até no reclamo via-se a bôa moral daquella gente: era laconico, um simples aviso sem os engodos do yankee.

Paterson passou a ler outro jornal.

Qual não foi a sua surpresa quando viu que tinha cinco exemplares da mesma folha, escriptos em differentes linguas. Havia lido a edição em inglez; os quatro numeros que restavam eram publicados em francez, hespanhol, allemão e italiano.

Paterson estava maravilhado. Seria possivel que naquella terra não houvesse politica?! Que não houvesse desavenças?! Conhecia a imprensa dos paizes mais cultos do mundo e toda ella era o reflexo do viver daquellas sociedades, com todos os seus vicios e miserias.

Interessado cada vez mais por conhecer a vida idea daquelle povo, levantou-se, foi ao salão de jantar tomou chocolate e sahiu.

CAPITULO V

EDIFICIOS E ESTATUAS

OS edificios eram todos na cidade antiga.

Paterson atravessou a capital moderna e achou-se em ruas estreitas, de predios de tres andares, que attestavam a decadencia da architectura. Tinham porém as fachadas limpas, as quaes os habitantes não deixavam encardir.

O portão do primeiro edificio em que parou era de grandes dimensões. Lia-se n'um frontão de marmore — Penitenciaria.

Nem um soldado no vestibulo. Dentro do casarão um ruido de ensurdecer. Eram sons de todos os timbres e alturas que, fundindo-se numa onda cavernosa, espalhavam-se por toda a cercania.

Paterson entrou no atrio. Não havia porteiro. Esta figura era ali, como em toda a parte em Kiato, representada pela campainha electrica. Porteiros houve no tempo da decadencia, quando a molestia invalidava o homem.

Annunciou-se. No fim de alguns minutos appareceu-lhe um homem de meia idade. Typo digno daquelle povo forte. Depois dos cumprimentos, Paterson mostrou desejos

de visitar a penitenciaria, então transformada em uma fabrica de calçados.

Acompanhado do gerente entrou e juntos percorreram todas as secções daquella grande colméa.

No tempo da decadencia o edificio era occupado por quinhentos malfeitores, victimas do alcool e inuteis á Nação. Agora eram algumas centenas de homens e de mulheres ennobrecidos pelo trabalho, honrando a especie humana.

Reinava alli absoluta ordem, absoluta limpeza, absoluto silencio. Zelosos, activos, os operarios se moviam calados, dadas as ordens por apitos ou toques de sineta.

Ainda não accordára daquelle como que sonho e já se lhe deparava novo, enorme edificio. Era o — Forum — nome que se lia no frontão de marmore.

A porta do vestibulo estava aberta e dentro parecia não estar ninguem. Entrou. Procurava o botão electrico para annunciar-se, quando leu um quadro appenso á parede: — «Pode entrar e satisfazer a sua curiosidade».

Paterson sorriu e entrou.

Logo que transpoz o atrio, achou-se num espacoso salão ricamente ornado, um palacio de fadas. O mobiliario era feito com as madeiras mais preciosas do Reino e estufado com os mais caros veludos.

Ao centro do salão, uma comprida mesa coberta de damasco violeta, de mogno, insculpida de filetes de marfim. Em uma das cabeceiras, uma poltrona e de cada lado seis cadeiras tambem de braços, assento dos treze juizes que tinham de julgar em ultima instancia os delictos de seus concidadãos. Sobre a mesa erguia-se uma estatua de um metro de altura, a Justiça, representada por uma mulher, de olhos vendados, tendo n'uma das

mãos uma balança e na outra uma espada. No pedestal, esculpida em placa de madeira, esta legenda: — «Este é o symbolo mais falso da justiça humana, aqui collocado no tempo em que os homens pervertidos e embrutecidos pelo alcool, reunidos em conselhos, julgavam o seu semelhante; alguns vinham bebados e outros com a consciencia vendida. Lavraram-se aqui sentenças de morte condemnando innocentes á forca. Conserva-se esta pagina flagrante da nossa decadencia como uma affirmação do poder do espirito humano na conquista de sua perfeição».

Empolgado por éssas palavras, Paterson veio outra vez para a rua. Não tardou a encontrar esta placa — «Asylo de Alienados». A mesma curiosidade que o levára a percorrer os outros edificios, fêl-o entrar.

Não sei o que mais admirou o visitante: si os machinismos, si a ordem, a disciplina, a excellente qualidade dos tecidos. Que estofos!...

A sêda primava pela qualidade dos fios e pelos padrões. A materia prima era producto do Reino. Uma variedade de «bombix» havia em Kiato que produzia fio mais fino e mais forte do que o do «bombix» commum. A selecção produzira tão preciosa variedade. A molestia da borboleta, que se transmittia á crysalida, grassou como verdadeira epizootia em todo o Reino.

Mas, depois da decadencia, um medico descobriu a prophylaxia do mal, augmentando assim a riqueza publica.

A sêda constituia uma excellente industria em que se occupavam muitas mil pessoas, especialmente mulheres e toda era exportada, pois este tecido os habitantes de Kiato o proscreveram pouco tempo depois de sua regeneração. Os seus manufactores auferiam grandes lucros com

tal commercio. Livre a exportação de qualquer tributo, transformaram-se em fabricas as alfandegas da epoca da decadencia.

Paterson continuou a sua visita. Os hospitaes, os asylos, o parlamento, os edificios dos diversos ministros, as repartições de fazenda, os palacios de recreio da familia real — eram hoje occupados por diversas industrias

Para que hospitaes, si não havia doentes? Manicomios, si não havia loucos? Asylo de Mendicidade, si não havia mendigos? Para que Parlamento si as leis se resumiam nestes dois preceitos — cumpre o teu dever e respeita o direito dos outros — e estavam na consciencia de todos os kiatenses, que os cumpriam religiosamente?

Paterson ia voltar ao hotel quando divisou ao longe uma estatua. Uma estatua!... exclamou.

Um povo tão original a quem perpetuaria no bronze? Curioso, aproximou-se. Estava o Nazareno, de pé, sobre um pedestal de metros de altura, no seu elevado porte, a imagem perfeita, vestido em sua tunica de purpura, na posição de quando pregava na montanha.

A estatua era de marmore cor de rosa, mas as tintas das vestes eram de diversas cores, tão indeleveis que pareciam frescas.

No pedestal de marmore negro lia-se, em letras de alto relevo, o decalogo. Mais abaixo, esta inscripção:— «Descobri-vos e ajoelhai-vos ante o homem que pregou ha seculos a fraternidade humana. Abstrahida mesmo a sua origem divina, fica ainda um dos maiores vultos da humanidade.»

Paterson admirava em soliloquio a perfeição a que

havia chegado aquelle povo. O decalogo observado daria como consequencia — «a fraternidade humana»?

Como cumpril-o si o homem, embrutecido pelo alcool, não o podia comprehender? Era preciso primeiro purifical-o, e a desintoxicação não se faria em pouco tempo: seriam precisos dezenas de annos, abalar até os alicerces o edificio social e depois reconstruil-o em moldes novos. Uma vez reconstruido de accordo com os mandamentos da lei de Deus, reinaria a paz em todo mundo.

Cada vez mais curioso, perguntou por outras estatuas a um transeunte. Apontou-lhe este tres, em cuja busca se foi.

A empreza não se tornou difficil. Pouco adeante encontrou a estatua de Pasteur: sobre elevado pedestal o vulto do sabio francez, a physionomia de santo, sopeando tres dragões degollados: a raiva, a diphteria, o carbunculo... No pedestal esta legenda: — «Ajoelhai-vos deante do maior bemfeitor da humanidade até hoje».

Paterson poz-se de joelhos, e entoou muda saudação ao vulto mais imponente da humanidade.

Visitou a terceira estatua, a do rei Pantaleão I. Era fundida em bronze.

Trajava como os seus subditos. Na mão direita tinha uma espada. Da mão esquerda pendia uma folha de marmore em que se lia: — «Cumpri o vosso dever, respeitae os direitos de vossos semelhantes e a paz estará comvosco». Calcados sob seus pés, tres abominaveis monstros, qual mais hediondo, abertas as fauces: o alcool, a syphilis e o tabaco.

Na base da peanha lia-se:

— «Amai e respeitae a memoria deste grande homem que, com uma energia sobrehumana, conseguiu exterminar em sua patria os maiores flagellos da humanidade. Elle foi um illuminado, um super-homem, cuja memoria se perpetuará até á consumação dos seculos».

A quarta estatua, em marmore, era de Jenner e reproduzia com fidelidade a figura do sabio.

Na peanha deitava-se um varioloso da fórma confluyente, apodrecendo vivo, uma copia flagrante do real. Observando-se detidamente a devastação da molestia naquelle corpo, em que as carnes putrefactas se fundiam num liquido peçonhento, a illusão era tal que o olphato parecia sentir o cheiro nauseabundo da salmoura fetida, que escorria das carnes corrompidas. Tinha-se uma sensação do real: a figura parecia de carne humana dissolvendo-se em pús.

Trazia, no pedestal, estes dizeres:

-- «Jenner foi um vidente. Acha-se aqui como um dos maiores bemfeitores do genero humano e em particular como o salvador de Kiato, que viu morrer metade de seu povo durante uma epidemia de variola».

Paterson voltou ao hotel. Esse povo era effectivamente grande, dizia consigo. Para elle, o merito estava na razão directa dos serviços que o homem presta aos seus semelhantes, o que provavam as estatuas.

Os heroes que se sagraram no campo da batalha, os Napoleões, porque não eram perpetuados no bronze? Seria possivel que não os tivessem? Onde estavam os seus Annibal e Cezar, conquistadores de alheias terras, escravizadores de homens, para a sua patria?

Tinham, sim, e á sua memoria já haviam erguido monumentos. Mas, ao despontar da era nova, recolheram-nos aos museus, como documentos historicos. Não podiam figurar nas praças de um Reino sendo execrados pela população como homens que destruíram, que mataram, que nada fizeram pela felicidade do genero humano.

CAPITULO VI

A INSTRUÇÃO PUBLICA

PATERSON, quanto mais tempo vivia no meio daquela gente, mais a admirava.

O sacrificio que fizera abstendo-se do tabaco e do whisky era bem compensado pelo gozo que fruía observando o viver original dos kiatenses. Sentia-se melhor de saude. A gôta não o apoquentava muito, as intermitencias do coração estavam quasi extinctas, devido á mudança de regimen e á abstenção completa do alcool.

O meio era salutar, mas Paterson não estava regenerado. Encontrando whisky e tabaco, continuaria a beber e a fumar, embora a gôta o atormentasse e o coração perdesse o rithmo.

Nas refeições em commum, notou a sobriedade do kiatense. A alimentação constava de hortaliças, leite, ovos, frutas, doces e algum peixe.

Desejoso de conhecer o gráo de cultura intellectual daquelle povo, começou as suas visitas pelas escolas primarias e foi até á Universidade.

Tinha, como todo aquelle que não conhecia Kiato, uma idéa muito falsa da influencia da cultura do espirito na moral do homem. Estava acostumado a ouvir todos os

dias como axioma — «abrem-se escolas e fecham-se cadeias». Nada mais falso.

A guerra dos povos civilizados, os mais cultos, a ultima guerra, quasi mundial, provara o nenhum valor da cultura do espirito na perpetração dos crimes. A guerra que é sinão um assassinio colectivo?

Estava convencido de que não era a escola que fechava a penitenciaria. Quiz ver como ali se ensinava a ler, e entrou na primeira escola que encontrou.

Em um salão isolado, cercado de jardins, fartamente arejado e illuminado, uma mulher ainda nova leccionava a vinte creanças, numero maximo da matricula. Cada menino occupava uma carteira, construida pelos sãos preceitos da hygiene de accordo com a idade de cada qual.

Paterson pediu licença e entrou. A professora conheceu immediatamente que elle era estrangeiro. Com toda a gentileza, convidou-o a sentar ao lado della e continuou a lição a um pequerrucho de seis annos, que já lia e começava a contar. O menino exercitava-se contando umas espheras de borracha numeradas de um a cem. Tinha que contal-as pondo-as em ordem numerica até formar uma centena. Depois, dividir a centena em dezenas.

Seguiram-se cutros exercicios: leitura, escripta, operações arithmeticas nos quadros de aidozia.

O ensino era todo intuitivo. A professora levou a maior parte do tempo explicando, de giz na mão, ao lado da pedra.

A aula terminou, quatro horas depois de começada, com uma palestra da preceptora sobre hygiene do corpo, os deveres da creança e o respeito dos direitos dos outros. Desde a infancia, prégavam ao cidadão do Kiato aquellas

doutrinas. Começava a ouvir-as desde a escola primaria até á universidade.

Ver uma escola era ver todas. O magisterio ali não era exercido como simples meio de vida. O titulo de professor era honra naquelle meio. A nação pagava com prodigalidade os pedagogos, percebendo os professores primarios os mesmos honorarios que os professores da universidade. Ensinar a ler era tarefa superior a ensinar disciplinas.

Paterson limitou-se a visitar mais umas quatro escolas. Conhecel-as todas era-lhe impossivel. A capital tinha uma população de quinhentos mil habitantes e para cada cem havia uma escola. Em todo o Reino, não existia um só analphabeto.

Nos primeiros tempos da vida daquelle povo, depois da decadencia, as leis eram severissimas, os crimes graves punidos com a morte. A força trabalhava mas não corrigia. O ensino era obrigatorio. O pae que não mandasse o filho á escola era castigado com multas pesadas e na reincidencia com prisão.

Mas o rigor das leis foi enfraquecendo, á medida que o povo se foi revigorando, adquirindo a saude do corpo e do espirito deteriorada pelo alcool, pela syphilis e pelo tabaco. Desappareceram, afinal, por desnecessarias.

A instrucção publica não tinha fiscaes. Os inspectores escolares, simples figuras decorativas dos paizes atrazados, não eram conhecidos.

O professor, conscio de suas obrigações, de suas responsabilidades, não precisava que o vigiassem obrigando-o a cumprir os seus deveres.

Paterson visitou uma das cinco escolas normaes da capital. A vista do predio impressionou-o agradavelmente. Não era uma pesada massa de alvenaria sem arte e sem hygiene que tinha deante dos olhos, mas uma construcção leve, cercada de jardins, um pavimento terreo de grandes dimensões dividido em espaçosos salões. Em cada compartimento ensinava-se uma disciplina. O programma era variado. Exigia do professor uma cultura muito superior á que precisava para ensinar, porque ali se preparavam não só as mulheres que se destinavam ao magisterio como as outras da capital. Não havia estabelecimentos particulares de instrucção. O programma constava de francez, inglez, allemão, italiano, geographia geral, historia universal, historia do reino de Kiato, elementos de physica e chimica, historia natural, pedagogia, hygiene escolar e domestica, rudimentos de toxicologia, musica, desenho, mathematica elementar, trabalhos de agulha, arte culinaria, arte de engomar. A matricula era de cem alumnos, interdicta aos homens.

Paterson começou assistindo á aula de pedagogia. A professora fazia uma preleção em linguagem singela e clara sobre «o methodo intuitivo», mostrando a sua vantagem sobre os outros. Era a percepção sem o raciocinio. O botanico, exemplificava, gastaria tempo e palavras para fazer o alumno comprehender, e mal, a estructura de um tecido vegetal. Si em vez, porém, do raciocinio preferisse a intuição, levaria o tecido ao microscopio e o alumno veria e comprehenderia sem raciocinar o que é um tecido e a forma das células.

A professora dissertou ainda muito tempo sobre o assumpto. Depois, occupou-se dos deveres do preceptor para

com os seus discipulos, a brandura, o carinho com que devia tratá-los. Relembrou a decadencia, o tempo em que as creanças, portadoras de taras geradas pelo alcool, eram por isso iusubmissas, viciosas, e que, para modificar-lhes as inclinações, o professor lhes infligia castigos corporaes, tinha a palmatoria e o chicote sobre a mesa, mas tudo sem resultado apreciavel.

O menino que agora ensinavam a ler era docil, obediente, cumpridor de seus deveres. Os cuidados do mestre não deviam ser somente velar pela saude da creança na escola, mas vigiar tambem pela saude do espirito. O cumprimento do dever e o respeito ao direito dos outros deviam repetir á creança todos os dias, em pequenas historias ao alcance de sua intelligencia e idade.

Acabada a lição, Paterson sahiu e foi assistir, em um salão contiguo, á aula de hygiene.

Uma formosa mulher de vinte e tantos annos falava a suas discipulas, algumas dezenas de meninas de 12 a 15 annos:

— O aceio do corpo, como um dos maiores factores da saude devia ser lembrado todos os dias para que não o esquecessem. O nosso organismo é como o da planta, precisa de ar e de luz. Os individuos que vivem em atmosphera que se não renova perdem a saude, como as plantas que vivem na sombra se estiolam. O aceio do corpo, — trazer a pelle sempre limpa, os poros abertos para ajudarem ao pulmão a oxigenar o sangue — é um dos preceitos da sã hygiene. Os poros da pelle representam um papel importante na economia, como os estomatos no organismo vegetal. São milhares de pequenos orificios que dão entrada ao ar e sahida ao suor, ajudando os rins a pu-

rificarem o sangue, mantendo a transpiração, que por sua vez conserva a temperatura e a energia nervosa. Si com uma camada impermeavel obstruirmos os poros da pelle, a vida cessará. Uma das partes do corpo que deve estar sempre limpa são as mãos, que precisam ser lavadas muitas vezes ao dia, principalmente antes das refeições e ao deitar. Nunca devemos passar as mãos nos labios, nos olhos ou no nariz. Os dedos, embora limpos, podem levar germens maleficos que pululam no ar. As unhas, estes viveiros de microbios, devem ser tratadas com rigoroso aceio. Sempre aparadas, sempre cuidadas, para que não se acumule nellas a menor particula de sujudade. A policia da bocca deve ser tão tão rigorosa quanto a das mãos. Na bocca vivem microbios de diversas molestias que esperam somente occasião azada para agredirem o organismo. Assim, ella deve ser lavada pela manhã, depois da refeições e ao deitar. A vossas discipulas repeti sempre que a sobriedade traz a saude do corpo e prolonga a vida. Que os alimentos devem ser muito bem triturados pela mastigação, para depois serem ingeridos. Os sevandigos, as pragas são vehiculos de molestias que se transmittem ao homem. No tempo da decadencia, o Reino era infestado por toda a casta de parasitas damnhinhos: moscas, pulgas, percevejos, mosquitos, os quaes a hygiene acabou por completo. Si algum dia sairdes de vossa patria ponde voz de guarda contra os sevandigos, mormente a mosca, vehiculo de germens de differentes molestias.

Sois virgens hoje e amanhã sereis mãis; cumprireis no futuro a missão mais sublime da mulher — a *maternidade*. — Incuti em vossos filhos desde a mais tenra edade o habito do aceio. Aleitae-os vós mesmas, porque a alei-

tação artificial tem morto mais creanças do que todas as molestias reunidas.

Nos paizes em decadencia, as mulheres são mães somente porque têm filhos. Para não envelhecerem depressa, para não se privarem dos bailes, dos theatros, entregam os filhos a amas que os aleitam, os cuidam, transmittindo aos pequeninos as suas diatheses. Outras, nem isto fazem: alimentam as creanças com leite de animaes. Não esqueçais que a primeira infancia precisa de cuidados, de carinhos que só as mãis podem dar...

Paterson ouvia surpreso as palavras da professora. Dizia para consigo: em outras terras, para as mãis civilizadas do mundo, seria um absurdo as palavras que acabara de ouvir. Qual a professora que falaria a virgens em maternidade?! Temeria offender-lhes a pudicicia, como si não fosse pura ficção nos paizes civilizados, onde o luxo, a moda deturparam os costumes, a moral. Uma virgem em França, por exemplo, não queria que se lhe dissesse que havia de ser mãe, que lhe ensinassem a crear os filhos quando os tivesse, porque lhe offenderiam o pudor. No entanto, a sua pudicicia não se revoltava quando expunha o corpo meio nú aos olhares caprinos dos homens!... Os decotes escandalosos que descobriam a raiz dos seios, os vestidos sem mangas, que deixavam ver os pellos da axilla, as saias que mostravam as pernas até os joelhos, tão justas, tão agarradas ao corpo que deixavam bem desenhadas as coxas e os quadris, não lhes offendiam o pudor?! E' que a virgindade para essas meninas era só physica e não moral.

Paterson, ao sahir, avistou uma dependencia do edificio que lhe pareceu uma cosinha. Dirigiu-se para lá. Ef-

fectivamente, a arte culinaria fazia parte das disciplinas da escola.

Uma duzia de alumnas, ao lado da professora, de gorro e avental, trabalhava preparando comidas.

Paterson ficou maravilhado do aceio da cosinha.

O espaçoso pavilhão era ladrilhado de marmore. Nas columnas de ferro que o sustentavam, enredavam-se virentes trepadeiras mosqueadas de pequeninas corollas multicores, das quaes se evolavam capitosos odores. Aquella gente não comprehendia a vida sem flores e sem perfumes.

Os fogões eram electricos e os utensilios todos de aluminio.

Paterson observou que não havia carne. Em compensação, um sem numero de variedades de pratos de hortaliças e alguns de peixes. A arte do pastelista chegára ali a perfeição.

Um pouco adeante, encontrou outro pavilhão; era a lavanderia. Um grupo de moças, com a professora, lavava roupas em pequenos tanques de marmore. Eram quadrilateros de profundidade de 20 centimetros, tendo em uma das extremidades um pequeno plano inclinado e na outra um escoadouro para as aguas, escoadouro que dava para um deposito subterraneo.

Pouco adeante, uma lavanderia mechanica, movida pela electricidade, cuja perfeição era admiravel. A roupa entrava suja para a machina e em pouco tempo, sahia lavada, dobrada e cheirosa.

A electricidade faz destes milagres, ainda mais numa terra em que era a força motora por excellencia, da qual tinham tirado prestimos ignorados dos paizes mais civilizados.

Visinho ao pavilhão da lavanderia, o da engommagem.

Paterson foi apreciar de perto o prodigioso invento.

Uma machina, servida por força electrica, recebia a roupa lavada e minutos depois a entregava perfeitamente engommada, lustrosa, as aberturas das camisas como se estivessem envernizadas.

Uma duzia de normalistas e a professora trabalhavam ali.

Havia tambem uma engommadeira manual.

Numa mesa estreita e comprida, de marmore, duas alumnas engommavam com ferros especiaes, diferentes dos ferros usados em todo o mundo e aquecidos pela electricidade. A roupa, depois de aquecida, recebia um pó que a engommadeira fazia cahir de um pulverizador em chuva finissima e depois o calor do ferro o ia espalhando uniformemente até que a roupa espelhasse de brunida.

Paterson cada vez mais se convencia de que naquella gente havia uma comprehensão nitida e precisa da vida. Deixou o pavilhão e entrou de novo no edificio, para assistir á aula de hygiene. A professora explicava em linguagem clara e concisa como se devia conservar a saude do corpo, o papel que representa a agua na vida do organismo; impura, é factor de muitas enfermidades. Fez ver o pouco valor da medicina e o grande da hygiene. E' melhor prevenir a doença do que cural-a.

Encareceu a sobriedade, como condição especial da saude. Citou o sabio adagio — «O homem abre a cova com os dentes». Referiu-se ao tempo da decadencia, em que havia um medico em cada quarteirão e uma pharmacia em cada canto. A media da vida era de quarenta annos! O homem

renasceu no dia em que se expurgou das taras, das diatheses maleficas, que o infeccionavam.

Os habitantes do Kiato eram felizes porque tinham o corposão, e quem o tem são tem tambem o espirito. A sobriedade é o apanagio da fortaleza de animo. Encerrou a prelecção com um voto de gratidão á memoria de Pantaleão I, espirito illuminado que legou aos compatriotas a unica felicidade na vida — «a fraternidade humana».

Paterson sahiu satisfeito com a lição. Ouvira palavras que se não perdiam.

Deixando a Escola Normal, visitou os Lyceus de Humanidades e o de Artes e Offícios.

O que mais o enchia de admiração era a competencia do professorado. Eram sabios, não apenas professores.

Dirigiu-se á Universidade, um grande edificio isolado no meio de jardins.

Cada disciplina tinha um salão, com o gabinete ao lado. A tudo presidia a ordem e o aceio. A primeira aula que encontrou funcionando foi a de bacteriologia. A prelecção do mestre era sobre — «o impulso que soffreu a sciencia com a descoberta do infinitamente pequeno».

Falou da importancia do acaso nas descobertas. Lembrou as palavras de Pasteur que dizia: — «o acaso só favorece aos espiritos cultos e observadores».

Como foi descoberto o telegrapho sinão pelo acaso? Derested, physico dinamarquez, observou um phenomeno que, a um espirito que não fosse preparado, teria passado despercebido. Viu que um fio de cobre atravessado por uma corrente electrica desviava de sua posição a agulha magnetica. Estava descoberto o telegrapho electrico ...

Lembrou como foram descobertas as leis do pendulo. Milhares de homens tinham visto na cathedral de Pisa a oscillação da lampada suspensa do tecto, mas a nenhum impressionára o facto. Foi preciso que um espirito culto e observador como Galileu visse o phenomeno para delle tirar grande proveito para a sciencia e para as artes.

Uns vinte alumnos ouviam o professor com grande attenção. Não se ouvia outro som sinão o das palavras do mestre.

A lição era sobre o microbio do typho. Não havendo molestia em Kiato, a Universidade recebia preparações do estrangeiro.

O typho havia sido uma endemia no Reino, mas foi se extinguindo aos poucos, á medida que o homem adquiria o vigor perdido.

A phagocythose é imperfeita nos individuos minados pelo alcool, pela syphilis, porque os phagocythos são igualmente enfermos. Nem sempre a lucta dos que fazem a defeza organica é vencedora; os invasores ás vezes triumpham e o organismo morre envenenado pelas toxinas produzidas pelo inimigo, dizia o professor.

A phagocythose no organismo são é de uma resistencia assombrosa. Só assim se explica o caso de individuos escaparem de molestias contagiosas em um meio contaminado, sem outra immunidadé a não ser a propria defeza organica.

Não ha individuo refractario á molestia, nem mesmo temporariamente. O estado de receptividade ou não, de uma doença infecciosa, é somente devido á força dos phagocythos. E vencem o mais poderoso inimigo, que a prova está no povoamento da terra quando a medicina e a

hygiene não existiam. Os primeiros homens não adoeciam graças á sua poderosa defeza organica.

Os microbios pathogenos sempre existiram; não foi a civilisação que os gerou. Isso prova a geographia das molestias. A peste bubonica é filha do Ganges, como a febre amarella é das Antilhas.

A degeneração da especie humana começou no dia em que Noé se embriagou pela primeira vez. A maldição que o patriarcha lançou sobre seu filho Cham por ter mofado de sua nudez é symbolo do Livro Santo. Noé amaldiçoou aos que se embriagassem e ás suas gerações. Desde esse tempo a phagocythose começou a perder a energia.

O professor, depois destas considerações, começou a explicar theoreticamente a vida, os costumes, a resistencia, e como penetra no organismo humano o baccilo de Erberth.

Seguiu-se depois o estudo pratico. Levantou-se e chegou ao microscopio.

Paterson pasmou quando descobriram o instrumento. Nunca vira um de igual poder nem tão aperfeiçoado. Uma monera ficaria do tamanho de uma mosca e illuminada!!

O professor explicou detidamente a technica do microscopio; depois, collocou a preparação e observando o campo viu, com o augmento de cinco mil diametros, os microbios evoluindo.

Deixou o instrumento para ser substituido por um alumno. Emquanto este applicava a vista á lente ocular, o professor falava sobre a forma do microbio e mandava que fosse dizendo o que ia observando. E assim se succederam, até o ultimo da turma.

Acabada a lição, Paterson entrou em outro salão: a aula de pathologia interna.

O professor dissertava sobre a cyrrhose do figado, molestia muito commum em todo o Reino no tempo em que se usavam bebidas alcoolicas. Ha duzentos annos, poder-se-ia fazer um estudo pratico desta enfermidade. Mas, hoje, na falta de doentes, limitava-se a estudar a pathogenia da molestia, os seus symptomas, histologia, os meios de diagnostical-a. A pathologia interna não podia ser estudada theoricamente. Só á cabeceira do doente o alumno comprehenderia bem a explicação do mestre.

A sciencia havia progredido nestes ultimos tempos. A descoberta do raio X foi uma grande conquista. Sem o seu auxilio, como diagnosticar um neoplasma do tubo digestivo, um aneurisma ainda em começo, ou qualquer outra anormalidade do organismo, os diversos estados morbidos sem symptomas pathognomonicos, sem syndromas que orientem o medico, que o levem a um diagnostico certo?

Proferidas as ultimas palavras, o professor convidou os discipulos a acompanharem-no ao gabinete.

Passaram do salão grande a um contiguo, de menores dimensões.

Grande foi a admiração de Paterson.

Muitas vitrinas de vidro, perfeitamente limpas, encostadas ás paredes, deixavam ver preparações de cera representando diversos estados pathologicos.

No centro da sala, uma grande mesa, sobre a qual estava um manequim humano de perfeição incrível. Aberto o thorax e o abdomen, o tronco finalmente, pelo lado anterior appareceram as visceras do tamanho na-

tural, coloridas ao vivo, podendo-se abri-las e fazer o seu estudo anatomico. O professor aproximou-se.

Cercaram-no os discipulos. Uma vez descoberto o hypocondrio direito, mostrou o figado cyrrhoso. Dissertou sobre o estado pathologico da viscera, as causas daquelle estado, as desordens do organismo produzidas pelo pessimo funcionamento da glandula. Chamou a attenção dos alumnos para a magreza, o facies de enfermo, para o seu crescido e disforme abdomen.

Acabada a prelecção, dirigiu-se a um compartimento contiguo, seguido dos alumnos: era a sala do raio X.

Ao lado do aparelho, fez a apologia daquelle grande invento, que marcou uma nova era na vida da sciencia medica. Depois fez funcionar o instrumento. Accesos os focos electricos, que se reflectiam em um sem numero de espelhos concavos e convexos, a claridade excedeu á do sol. Convidado um dos discipulos a entrar naquelle banho de luz, foi envolvido pela onda luminosa e o seu corpo tornou-se diaphano, transparente.

Professor e alumnos, armados de oculos negros, observavam o funcionamento daquelle organismo, surpreendido em flagrante, como si estivessem vendo trabalhar a machina de um relógio. Viam claramente circular o sangue, desde o coração aos capilares dos membros, depois voltar ao coração. Viam como funcionavam os pulmões, as vesiculas enchendo-se de ar; o trabalho da digestão e das glandulas que o auxiliavam; as funcções do appendice, segregando um liquido que o humedecia; as contracções peristalticas, enfim, tinham á vista desvendada a physiologia humana em todos os seus detalhes.

Para avaliarem o funcionamento do engenhoso ap-

parelho da epiglote, o professor deu ao alumno um copo d'agua. A cada gole que ingeria, a cada deglutição, viam claramente a epiglote abaixar-se e fechar hermeticamente a glote, impedindo assim o liquido de entrar na trachéa.

O professor findou a lição lançando um anathema sobre o uso das bebidas alcoolicas.

Paterson voltou ao hotel, porque se approximava a hora do almoço.

CAPITULO VII

AGRONOMIA

O povo de Kiato, depois da decadencia, tornou-se agronomaniaco. A terra daria ao homem a vida do corpo e a paz do espirito. A humanidade voltaria ás primeiras idades, quando o genero humano, dividido em pequenos nucleos, tirava da terra o seu sustento e reinara a fraternidade humana.

O egoismo e a ambição, os maiores factores da perversão moral, não mais existiam porque o homem tinha o corpo são. Foi o egoismo que armou o braço do primeiro criminoso. O sangue de um innocente manchou a terra, ainda virgem, ainda pura, e desde esse dia a sua fertilidade, que era espontanea e assombrosa, desapareceu, só produzindo fructos quando regada pelo suor do homem.

Os habitantes de Kiato haviam conquistado a soberania de sua liberdade depois de mais de um seculo de reacção contra os usos e costumes resultantes da intoxicação alcoolica e syphilitica. Restaurada a saude e a moral, começou uma vida nova, o socialismo emfim.

As classes armadas não tendo mais razão de ser, foram dissolvidas. A marinha de guerra ficou reduzida a poucos vasos, para o policiamento das costas. O serviço mili-

tar fôra obrigatorio. O cidadão fazia o tirocinio em tres annos. Agora em vez de exercitar-se nas armas, exercitava-se nos instrumentos agricolas. Todo o cidadão era obrigado a cursar a escola de agronomia durante tres annos. A terra é que trazia a fraternidade humana depois do expurgo das taras, das diatheses que infectam a humanidade. O mais difficil problema social, a harmonia entre o proletario e o capitalista, havia resolvido a enxada.

Paterson, desejoso de conhecer a utilissima escola, foi visital-a. Era num dos suburbios da cidade. Num enorme pavilhão fazia-se o curso. O alumno, para ser admittido, apresentava attestado de francez, inglez, allemão, italiano, physica, chimica mineral e organica, historia natural e mathematica, principios de geologia e mineralogia

Paterson assistiu a uma aula em que o professor dissertava sobre adubos, seu valor e necessidade nos terrenos esfalfados. Explicou a composição chimica dos animaes e mineraes, sua applicação de accordo com as especies cultivadas.

Finda a prelecção, que durou uma hora, a turma de duzentos e tantos rapazes, acompanhou-o ao campo de demonstração, alguns hectares de terra cobertos de uma vegetação luxuriante, que attestava o poder do trabalho a serviço da sciencia.

Os estudantes começaram a labuta. Paterson admirava-se da perfeição dos instrumentos, alguns dos quaes eram aperfeiçoamentos, modificações dos já conhecidos. Outros eram modernos, descobertos em Kiato. Todo o trabalho era feito por machinas. O homem guiava-as apenas: Os arados, as machinas de semear, de mondar, de colher, movidas pela electricidade. Aquella gente era electrica...

Paterson commovia-se deante de tão edificante espectáculo. Ali não se notavam castas, nem hierarchias. Dois filhos do rei, um de dezoito, outro de vinte annos, de blusa e gorro, guiavam as charruas, ao lado de seus subditos.

Era a glorificação da terra pelo trabalho, a terra que, creada para todos, o egoismo havia conquistado, opondo o direito da força á força do direito.

A Biblia, no seu rebuscado symbolismo, de cuja interpretação se originou o schisma, é a historia das primeiras agremiações humanas. Abel é um symbolo, como o matador Caim. Caim é a encarnação do egoismo. O homem, embrutecido pelo alcool, apossou-se da terra, dividiu-a, retalhou-a em lotes, não cabendo aos fracos uma nesga sequer.

Paterson assistia, naquelle rincão affastado do mundo, á restituição da terra aos seus primitivos donos, isto é, a todo o genero humano. O senhorio territorial, figura execranda das sociedades corrompidas, havia desaparecido com a regeneração do homem. A terra do Reino fora dividida em hectares e distribuida entre os que queriam lavar, de accordo com o numero de pessoas da familia.

Paterson sahiu a percorrer o campo. As especies vegetaes pareciam outras: acompanhavam o vigor, a saude do cultivador. Tinha á vista um trigal, que o encantava pelo luxo da vegetação. Não vira jamais verde tão vivo nem amarello tão louro nas espigas. Os grãos eram enormes, não havia uma semente chocha, mal vingada.

Passou ao pomar. Dispunham-se as arvores, em alamedas, tão symetricamente plantadas e cuidadas, que se

via a rua vegetal de uma extremidade a outra. Fructas pendiam dos galhos, perfumando o ambiente.

Um pouco adiante, a grande horta, alguns hectares de terreno cobertos por um extenso tapete de verduras. Havia toda a casta de hortaliças. A variedade de couves era extraordinaria: desde a couve anã, que crescia vinte centímetros, até á couve gigante que media um metro de altura... E tambem alfaces, rabanetes, cenouras, pepinos, aspargos, repolhos, um sem numero de variedades. Paterson conhecia o sabor e a maciez das hortaliças de Kiato. Nunca havia comido couves nem alfaces tão saborosas e tenras. Pela cultura e pela selecção, conseguia-se ali aperfeiçoar as variedades inferiores.

Passou ao jardim. Si a horta era uma belleza, o jardim era um primor. Emerito botanico, Paterson estava encantado. Não era a grande quantidade de especies o que admirava, eram as modificações, conseguidas em especies delle conhecidas.

Roseira que noutra parte dava rosas de petalas cor de vinho, dava-as ali de corollas coloridas, com gradações de tons até o rosicler.

Farto de tantas bellezas, frenetico admirador daquela gente, que representava a perfeição humana, Paterson voltou ao hotel.

CAPITULO VIII

O IMPOSTO E A MORTE

O transatlantico em que aportára a Kiato já tinha reparadas as avarias e estava prompto a proseguir a viagem.

King, irresoluto, não sabia si partiria ou si ficaria concluindo o estudo d'aquella gente. Havia corrido toda a Europa, viajado pelas duas Americas, visto povos exquisitos, mas nenhum se assemelhava ao kiatense.

Na vespera da sahida do «The Queen», ainda indeciso, conversava pela manhã com Robert. Trocaram idéas e tiveram confidencias como ainda não haviam tido.

O hoteleiro estava lá havia quinze annos. O imprevisto tinha-o deixado entre aquelle grande povo. Viera a Kiato, num navio inglez, comprar porcelanas e sedas para revender em Londres. Hospedara-se naquelle mesmo hotel, então propriedade de um francez, Paul Bertin.

Dois dias depois, um marinheiro do navio em que viajava, veio a terra, embriagado. O castigo não se fez esperar; preso e enviado para bordo, foi o navio intimado, por um dos vasos de guerra da marinha nacional, a suspender ferros e deixar immediatamente as aguas do Reino.

— Ignorei o incidente até a manhã do dia seguinte, quando o jornal noticiou o facto, porém sem commentarios — dizia o hoteleiro. Resignei-me, porém, a esperar um navio que me conduzisse á patria. E a convivencia com esta gente me affeioou a esta terra. Um acontecimento, tambem imprevisito, fez-me de vez ficar residindo aqui: a morte de Paul Bertin.

Nos primeiros tempos tive saudades de Londres, minha terra natal, dos amigos e dos poucos parentes que havia deixado, mas, a fortaleza desta gente, este meio são, parece que me tonificaram e impediram que fosse atacado pela nostalgia. Eu era novo, tinha quinze annos menos do que hoje.

Pensei em casar, unir-me a uma d'essas raparigas, cujo corpo é são, cujo espirito é forte, não combalido pela civilisação doentia das outras partes do mundo. Já tinha de olho uma rapariga, mas esta não me prestava attenção: passava despercebido aos seus olhos como si fosse um animal de outra especie... Acariciei tal idéa até o dia em que melhor conheci o codigo de Kiato.

Soube, nessa occasião, que, como medida prophylactica, era aqui prohibido o casamento com estrangeiros. Custára-lhes seculos de trabalhos o expurgarem-se d'aquellas hediondas taras, d'aquellas malditas diatheses, que, no transcorrer do tempo, vinham corrompendo gerações e gerações. E não haviam de permittir que voltassem a imperar, por via da união de organismos sãos a organismos portadores do mal,

— Tem razão, disse Paterson. Como se vive aqui, pouco mais ou menos sei; porém, como se morre?

— O kiatense não morre: acaba-se. A medai da vida é de cem annos. O organismo vai-se gastando paula-

tinamente, como as peças de uma machina, até que, de todo gasto, pára, deixa de funcionar; não, porém, por lhe faltar a força motora, o sopro vital, mas pelos órgãos que, de usados, já não podem funcionar. O kiatense tem uma idéa nitida e perfeita da morte. Considera-a um facto natural e necessario; porém a morte a termo. A vida, chegando ao seu limite, si possivel fôra prolongal-a, seria uma grande infelicidade. A senilidade, com a sua companheira demencia, é profundamente horrivel. Tanto tem de desnatural o homem morrer em plena mocidade, como de natural acabar-se quando o organismo se gastou percorrendo todo o cyclo da vida. Nos paizes de homens embrutecidos pelo alcool, apodrecidos pela syphilis, a morte é um phantasma horrivel, aterrador, porque precoce, e portanto desnatural. Não é mais do que um suicidio. Os obitos aqui são raros e o modo por que são feitos os enterros dá uma idéa perfeita do que esta gente pensa sobre homenagem aos mortos e o além tumulo.

Eu estava aqui, havia mezes, quando se deu o acabamento de um centenario. Passava o enterro: um coche funebre puxado por dois cavallos, sem crepe e sem penachos, preto, completamente preto, sem um galão de prata ou ouro, sem una corôa, seguido por um automovel com seis homens velhos, filhos e netos do morto, como depois soube. Estranhei que a força que movia o coche fosse animal e não electrica; soube mais tarde que esta excepção era prova de respeito aos mortos.

Tomei um auto e segui o enterro á distancia. O percurso até o cemiterio, fôra da cidade, fez-se sem attrahir a attenção do publico. Os transeuntes não paravam, nem tão pouco se descobriam. As janellas não se enchie-

ram de curiosos, de mulheres desoccupadas, que criticassem a pobreza do caixão ou elogiassem sua riqueza. Era aqui uma cousa naturalissima o homem acabar-se quando não podia mais viver pelo gastamento de seus orgãos.

No cemiterio, foi grande a minha admiração. A cidade dos mortos, dividida como a dos vivos em dois bairros: o antigo e o moderno. Naquelle, viam-se provas significativas da vida d'outros tempos: os grandes e opulentos mausoleos. A vaidade humana estava ali muito bem representada e muito bem vivida a illusão do orgulho, julgando perpetuar-se na memoria dos posteros, com aquelles epitaphios falsos, cada qual digno do respeito humano dos que os escreveram.

O bairro moderno era a synthese do sentir do povo regenerado. Um campo vasto de lousas e de cruces. Todos eram eguaes. A terra faria, sem conhecer hierarchias, a resurreição da carne, não, porém, como a interpretam os livros santos.

Uma profunda cova foi aberta e o corpo desceu a occupar a sua quieta e derradeira morada. Extranhava que um povo tão adeantado não tivesse ainda adoptado a cremação. Mas, reflecti e achei razão.

O fogo não restituiria á Natureza os corpos simples sem a combinação de alguns; ao passo que os infinitamente pequenos fariam a putrefação completa e perfeita, a resurreição da carne, restituindo á Natureza elementos simples, que entrariam na formação de outros corpos vegetaes ou animaes, conservando assim a eternidade da materia.

Fez-se a inhumação e os parentes do morto ali presentes não derramaram uma lagrima, não tiveram um musculo no rosto que se crispasse de pezar. Chorar por que

aquelle ser havia percorrido o cyclo de sua evolução na terra e agora entrava no grande nada de onde viera? Ti-nham todos as feições calmas, como espectadores de uma scena naturalissima. A imprensa noticiou a morte do cen-tenario como si fosse a sahida de um navio, sem dar pe-zames á familia, nem fez necrologio... Achei exquisita essa falta de consideração aos que partem para o desconhecido. Acostumado, nos outros paizes, especialmente nos de ori-gem latina, a ler na imprensa lamuriantes nenias, a des-crição do enterro, a riqueza do caixão, o numero de co-rôas com as suas inscrições, cada qual mais fementida, o acto da inhumação, os discursos á beira da cova e por cu-mulo de reportagem o nome de todas as pessoas que acompanhavam o defuncto, aquella sobriedade de homena-gens pareceu-me falta de respeito ao morto.

Julguei que o preito de saudade á memoria do ex-tincto fosse prestado na visita de cova. Enganei-me. Em Kiato, todos os cultos eram permittidos, mas não havia fer-vor religioso em nenhum. O povo preocupava-se apenas com a saude do corpo e a hygiene do espirito, cumprindo religiosamente o decalogo. A's praticas religiosas eram in-differentes, tanto que os officios divinos eram poucos fre-quentados..

A visita de cova constou de uma missa rezada sem eça e sem encommendação. As eças que, no tempo da de-cadencia, haviam deslumbrado aquella sociedade corrompida, levando o exagero do luxo até na morte, haviam desappa-recido por completo. Que usança ridicula a do catafalco erguido no centro do templo, encimado por um feretro de papelão, coberto de veludo e ouro, cercado de centenas de tochas que ardem, espalhando naquelle ambiente funebre um cheiro de morte, e de cera branca fumegando !...

William Robert, depois de ter dito ao patricio como era pago o direito á morte, passou a relatar como era pago o tributo á vida. O imposto em Kiato era taxado sobre a renda do capital, mas sem fisco. No fim do anno, cada cidadão, julgando-re devedor ao Estado, sommava o que havia rendido a sua industria, o seu capital e deduzia a importancia de vinte por cento para o erario publico. Do excedente, tirava ainda trinta por cento, que distribuia entre os que o haviam ajudado a ganhar aquella somma.

Nos primeiros dez dias de janeiro, todos os annos, as portas do Thesouro da Nação estavam abertas para receber o imposto. A Fazenda Publica não chamava por edital os contribuintes ao cumprimento do dever.

Todos sabiam que eram devedores e iam com a melhor vontade satisfazer seus compromissos. O erario publico, em vez de um sem numero de parasitas, tinha, apenas, dois empregados: um thezoureiro e um escripturario. O contribuinte apresentava ao escrevente uma guia, na qual declarava o rendimento que havia tido sua industria ou commercio, deduzida a porcentagem de 20 o/o que entregava ao Thezouro Nacional. O escripturario transcrevia a guia, e escrevia no verso — lançada — e o contribuinte, por sua vez, a levava ao thezoureiro. Este a recebia, como tambem o dinheiro, que recolhia ao cofre — de ferro no tempo da decadencia, inutil agora, pois o furto havia desapparecido.

O fisco existe somente nos paizes interiores — dizia Robert. E' uma figura que se individualisa muito nas sociedades corrompidas. O fiscal das rendas publicas é quasi sempre um parasita do erario. Mal pago pelo governo, faminto, sem os meios necessarios para subsistir com a fa-

milia, fareja as porcentagens das multas, impondo-as sem critério, como um animal esfomeado por um repasto. Sua fiscalização não attinge aos grandes contrabandistas, aos furtadores do erario, porque estes são grandes senhores, que se banqueteam com os ministros...

Paterson ouvia maravilhado a narrativa. Sentia-se reviver. Aquelle ambiente, saturado de uma moral tão sã, o viver d'aquella gente, que havia realisado o ideal do homem — a paz do espirito ao lado da saude do corpo, a vida sem dores enfim — prendiam-no a Kiato.

Não foi a civilisação que corrompeu o homem, a sua vida em sociedade, mas os vicios que se desenvolveram com ella. E a prova estava na pureza de costumes daquella gente, duzentos annos depois de ter eliminado de seu seio o factor de todos os vicios e da miseria humana.

— Deixar Kiato — dizia Paterson a Robert — depois de ter vivido na mais liberal das republicas, onde o homem é feliz porque cumpre os seus deveres e respeita o direito dos outros homens, na terra em que o crime era o apagnio de seus habitantes e desapareceu por completo com a reforma radical de seus usos e costumes, deixar Kiato é-me impossivel. Como viver em outra qualquer parte do mundo? Os povos de outras latitudes têm a illusão de que são perfeitos, mas, comparados com este reino, são *vis* e miseraveis hottentotes.

E Paterson resolveu ficar em Kiato.

CAPITULO IX

A CASA REAL

COMEÇAVA a nova estação. Quasi todas as manhãs chovia. Paterson não podia sair e para matar o tempo conversava com o hoteleiro, ao qual muito se havia afeiçoado.

William Robert ia-o instruindo na historia do povo kiatense, nos costumes, que tão bem conhecia. Contava a extranheza que lhe causára o viver da familia real. Acostumado a ver na pessoa de um rei um ser com alguma cousa de divino, com privilegios e regalias que tocavam á insania, pasmou ao conhecer a vida de Niel, rei de Kiato. Tinha o titulo de rei, mas era o cidadão da mais liberal democracia.

Havia quasi duzentos annos a dynastia de Kiato soffrera um grande desastre. Reinava Pantaleão I, devasso e bebado.

Era casado, tinha filhos, entre os quaes uma rapariga de quinze annos, por quem tinha excessiva afeição. Uma de suas amantes, porém, parecia-se tanto com esta que se diriam irmãs gêmeas. Enciumado, resolveu matal-a, a amasia.

A' tarde de um dia de grande bebedeira, estava o

rei, allucinado, em completo delirio, na sala de armas, quando a filha amada passou. Em sua allucinação, confundiu-a com a amasia. Armou-se de uma pistola, sahiu-lhe na pista e pouco adeante matou-a, ecoando a detonação pelas dependencias do palacio. Em breve, o cadaver foi cercado pela familia, famulos e soldados.

Pantaleão, fóra de si, voltou á sala de armas, sentou-se, e o seu espirito ficou em completa anesthesia até o dia seguinte. Procurando-o, encontrou-o a rainha ainda com a arma homicida na mão, de todo estupidificado. Julgou que o seu pranto, a sua angustia, manifestada em fundos ais, em lamentações dolentes, acordassem aquella alma, chamassem-na á realidade da vida, mas illudiu-se. Em seu delirio, Pantaleão nada ouvia, nada comprehendia. Era um homem physicamente morto.

Acordou pela manhã. O estado agudo havia desaparecido, mas ficára-lhe, numa baralhada de pensamentos, lembrança muito vaga do crime, uma sombra meio esmaecida, que a memoria no seu embotamento deixava de avivar.

Ergueu-se o rei do leito, ainda cambaleante, vestido como o haviam deitado, e procurou os aposentos da rainha. O encontro foi um lance penoso. Elle ouvia, meio aparva-lhado, as recriminações da mulher, que torturada por aquella grande magua; relatava o desgraçado acontecimento, condemnando-o com toda a crueldade de um coração de mãe profundamente golpeado. Atordoado a principio, foi despertando, sentindo a consciencia renascer, pondo-se em mais estreitas relações com o meio, percebendo melhor as imagens que lhe acudiam ao cerebro, até que a visão do crime se fez mais nitida e a lembrança do tragico acontecimento mais viva.

Pantaleão duvidou do que via dentro de si. Era tudo um pesadelo. Bem podia ser que ainda estivesse bebado!...

Compreendeu a rainha que elle queria crer, mas hesitava. Pediu-lhe que a acompanhasse á camara ardente. O cadaver era a prova material do crime.

A lembrança do assassinato foi-se-lhe avivando e minutos depois aquelle espirito meio embrutecido pelo vicio era esmagado pela verdade. Acabrunhado, recolheu-se o rei aos seus aposentos. Só tinha socego quando dormia. O seu despertar era todos os dias o despertar do afflicto, uma angustia cruciante. O primeiro pensamento que lhe acudia ao cerebro era o assassinato da filha. E a tortura continuava até á noite, quando, vencido pelo cansaço, já a deshoras cahia num lethargo doentio. Assim foi semanas inteiras. Causava dó sua figura. A tortura lhe havia macerado as feições, apagado o brilho dos olhos e, para completar a hediondez do rosto, a cabelleira e a barba hirsutas, que os dias de dor tinham embranquecido, emmolduravam-lhe o facies livido, macilento como o de um morto.

Fizeram-se funeraes com toda a pompa, consoante á posição da extincta e ao sabor dos preconceitos da sociedade de então; mas, nelles, o rei não tomou parte. Segregou-se e segregado esteve, mesmo da propria familia, até ao dia em que se sentiu regenerado, purificado pelo remorso. A dor havia resgatado o seu crime. Revivia, sahia da vasa immunda dos vicios em que se achava atolado havia muitos annos...

Estava salvo. Cumpria-lhe salvar o povo. Era preciso aniquilar o factor de sua desgraça, da desgraça do genero humano — o alcool. Era-lhe preciso uma coragem sobre-humana, um valor de super-homem, para vencer tão grande inimigo.

Meditou dias e dias. Acariciou a idéa de taxar com pesadissimos impostos as bebidas alcoolicas. Reflectindo, viu que não daria o resultado desejado. O proletariado deixaria de beber, a burguezia beberia menos e os ricos, os millionarios fartar-se-iam. Era meia medida. Além d'isso, á sua morte, subiria ao throno um filho, que talvez acabasse o imposto. Havia outra hypothese, cuja realisação não era impossivel. Uma Camara, composta em sua maioria de alcoolicos, podia supprimir a taxa ; uma Camara composta, em sua maioria, de venaes, podia vender-se aos grandes industriaes de bebidas alcoolicas e supprimir o imposto...

A arvore devia ser arrancada com todas as radicellas, para nunca mais viver. Aquelle homem, perdido pela cultura de todos os vicios, transfigurava-se. Parecia mais uma predestinação do que uma regeneração. Traçada a sua linha de conducta, agiu, mas agiu firme, indomito, sem esmorecimentos. Seu primeiro acto foi publicar uma mensagem aos seus subditos. Nunca houve documento mais sincero. Fazia o seu exame de consciencia em publico, accusava-se de enormes faltas, não procurando attenual-as, antes aggravando-as. Dizia que o remorso o havia purificado. Não se julgando de todo remido, entregava seu corpo e seu espirito á grande obra da regeneração de seu povo. Si fosse preciso, sacrificaria a vida na realisação do seu ideal. Seria inexoravel para aquelles que se atravessassem no seu caminho. Preferia destruir o seu reino, innundal-o de sangue, para, de seus destroços, de suas cinzas, de seus escombros, reconstruil-o ; e, então, a paz reinaria até a consummação dos seculos.

A mensagem atemorizou uma parte da população do reino, mas irritou a outra. Na dia seguinte á sua publicação, começou o saneamento moral da côrte.

Os doze conselheiros de Estado foram exonerados por crapulas, deshonestos, e chamados para os lugares homens virtuosos, não encontrados na nobreza, mas nas classes populares. As damas de honor, verdadeiras messalinas, suas alcoviteiras, foram dispensadas e substituidas por matronas respeitaveis.

A' demissão do conselho do Estado seguiu-se a do ministerio e a dissolução do Parlamento.

A reacção começou, forte e radical. Aquelles golpes amiudados e de chofre, de uma ousadia assombrosa, estupidificaram o povo. Bem razão tinha Machiavel, quando dizia que na therapeutica politica dava excellentes resultados o derramamento de sangue copioso, porém instantaneo. Uma parte das classes armadas revoltou-se, emquanto a outra se conservou fiel ao rei. Os rebeldes foram batidos, os prisioneiros fuzilados, sem excepção de um só. O rei dirigiu em pessoa o movimento. Os nobres, os parentes da casa real, não mereceram indulto : morreram como rebeldes. Os preceitos de Machiavel davam resultado. O povo ficou em completa estagnação psychica, atordoado, depois de ter visto uma onda de sangue innundar a capital. O rei não descansava. Devia aproveitar o momento psychologico. Publicou então um edito prohibindo, em todo o reino, a fabricação e o uso de bebidas alcoòlicas, o plantio, manipulação e uso do tabaco, ficando marcado o prazo fatal de trinta dias, para desaparecerem de Kiato os vestigios de taes industrias. Os infractores seriam punidos summariamente com a morte.

As leis existentes foram derogadas. Pantaleão não era rei absoluto, era dictador, que não hesitava em praticar a maior violencia, comtanto que estivesse convencido de

que era para a salvação publica. De tão exagerado despotismo, nasceria a liberdade, a fraternisação dos homens.

O contagio do panico é fatal nas multidões. O medo havia contaminado todos os espiritos, acovardando-os. O rei aterrava-os como um duende, o genio do mal, do exterminio. Findo o prazo para a extincção das industrias do alcool e do tabaco, Pantaleão sahiu em pessoa, acompanhado de um esquadrão de cavallaria, a syndicar de cumprimento do edito. Quasi todos os industriaes tinham-se submettido. Porém, que desagradavel impressão causava ver apparatus de grande custo completamente destruidos! Nem uma gotta de bebida alcoolica havia nos depositos! Todos os toneis vasios! Na visinhança das fabricas, parecia haver corrido um regato de vinho e de whisky!...

Os que julgavam escapar pelo subterfugio, apanhados em delicto flagrante, foram, dentro mesmo das fabricas, cruelmente justicados com todos os seus operarios. Todos os instrumentos, todos os apparatus foram destruidos pelo fogo, o que lhe augmentou, ao rei, a fama de perverso, tyranno e sanguinario.

Dez annos levou a collocar, sobre as ruinas do antigo, desmoronado até ás fundações, por toda a casta de vicios, as primeiras pedras do novo edificio social.

Promulgou leis sabias, severissimas. O ferro em brasa com que ia cauterisar as chagas daquella sociedade, arrefeceria á medida que se regenerassem os costumes. Tempo viria em que este povo resurgiria, dando lições de moral e de civismo aos outros povos da terra.

A base da saude do espirito é a saude do corpo. Juvenal já dizia: «Mens sana in corpore sano». Pensando assim, consagrava o rei uma parte de seu esforço á saude publica.

Na população do reino, havia uma parte estropiada pela diathese syphilitica, lepra, tuberculose, cancro, e as nevroses em suas multiplas e diversas modalidades. Os desgraçados, que apodreciam em vida, iam-se perpetuando, gerando novos desgraçados, condemnados a uma vida de padecimentos, sem esperança de salvação. Impressionou-se Pantaleão com o viver d'esses individuos, inuteis e ao mesmo tempo nocivos, dando-se logo a estudar os meios de estancár o mal. Um dilemma se lhe antolhou: supprimil-os ou hospitalisal-os?

Matal-os, acto de misericordia, mas innominavel; segregal-os, mesmo sob a mais severa das vigilancias, inutil para lhes evitar a reproducção. O instincto sexual difficilmente se refreia. Sómente o pudor, a moral, podem contel-o. Mas, nem sempre.

Como curar esses seres que tamanho mal causavam ao genero humano? Deixal-os á satisfacção do sentido genesico, esterilizando-lhes a semente humana — era resolver o problema.

Reuniu então os mais sabios medicos do reino, para lhes pedir conselho sobre o caso. O mais velho dos esculapios respondeu que, estudando havia muitos annos o assumpto, pensava ter descoberto a esterilisação da semente humana nos varões e nas femeas, sem extracção dos orgãos que geram os spermatozoides e os ovarios. Bastaria uma injecção, somente uma, de um liquido extrahido de orgãos masculinos.

Resolvida, assim, a questão, em relação ás enfermidades hereditarias, transmissiveis de paes a filhos, os portadores do mal seriam hospitalisados, e por prudencia esterilizados.

A lepra era uma das molestias que grassavam em todo o Reino. Para evitar o contagio, segregaram-se estes desgraçados em uma ilha, dando-se-lhes meios de tirar da terra a sua subsistencia. Todos, homens e mulheres, eram esterilizados, enviados os novos casos para o leprosario. Não se abria excepção para pessoa alguma. E a lepra foi desaparecendo paulatinamente, até se extinguir de todo, em quarenta annos.

O casamento tornou-se obrigatorio a todo o cidadão, attingida a idade de vinte e cinco annos. Era, porém, necessario um rigoroso exame de saude nos noivos e nos seus ascendentes mais proximos. Um tuberculoso, um epileptico, um leproso; um canceroso, não podiam casar-se, assim como descendentes de alcoolicos, de pais ou de avós soffrendo d'aquellas enfermidades. A' mulher, antes de vinte annos e depois de trinta e cinco, o casamento era-lhe interdito. O celibatario consideravam-no nocivo á sociedade.

Pantaleão ainda viveu e reinou trinta annos após a regeneração.

Sucedeu-lhe um filho do mesmo nome. Antes de morrer, chamou-o e contou-lhe, em eloquente synthese, a historia de sua vida. Dos homens o mais perdido, dos reis o mais nefasto, purificara-o a dor. Deixava o povo em franca via de regeneração. Que continuasse a sua obra respeitando assim os seus ultimos desejos. E expirou.

Pantaleão II, portador apenas de taras e diatheses, herdadas e não adquiridas, iniciou seu reinado nos moldes do seu antecessor. Faltava proceder á prophylaxia da syphilis, ou antes ao seu exterminio como o segundo inimigo da humanidade.

Esterilizados os incuráveis, exercida rigorosa fiscalização sobre as mulheres publicas, decretado o casamento obrigatorio, tratados os enfermos curáveis, pela therapeutica de Kiato, mais adeantada que a dos outros paizes, a *sýphilis* havia de desaparecer dentro de um seculo.

Pantaleão II foi digno successor de Pantaleão I. Reinado muito menos tempestuoso do que o de seu pae, pois as reformas mais importantes estavam feitas, continuava, porém, a obra de saneamento moral e physico, aperfeiçoando-se com o progresso, o evoluir da sciencia. O facto mais importante de seu reinado foi o combate á *sýphilis*. Os que velavam pela saude publica, obsecados, viam em toda a parte o virus do mortifero morbus, e procuravam evital-o, tomando medidas de *prophylaxia* tão severas que tocavam ao exaggero.

A vida das desgraçadas meretrizes tornou-se uma tortura. Eram examinadas tres vezes por semana e interdictas quasi sempre. O casamento obrigatorio diminuiu-lhes a freguezia. Para não morrerem de fome, fecharam as portas.

As festas de nupcias, que no Kiato antigo se revestiam de grande pompa, perdiam o brilho á medida que o povo se purificava. O casamento se reduzia ao acto religioso e ao contracto civil, feitos com toda a simplicidade, sem corbelha nem fuga dos noivos...

Annos depois, quando aquella gente se havia de todo purificado, o contracto civil desapareceu, ficando apenas o acto religioso, para dar tons de legitimidade á união. Ainda havia, naquella gente, uns longes de respeito pelas leis da igreja e, embora levando uma vida de santidade, não se lhe tinha o espirito libertado de preconceitos arrai-

gados num seculo de decadencia. Nalgumas familias, já o acto consistia numa cerimonia muito simples, mas solemne: reunida toda a familia, faziam os noivos, perante ella, o voto de se unirem para sempre, na vida e na morte. E após, retiravam-se para a casa onde iam viver. Para que contracto, si a palavra do cidadão de Kiato valia uma escriptura ?

Extincto o Forum, desapareceram com elle todas as figuras da justiça, desde o ministro do Tribunal Supremo até o meirinho. A familia tornou-se estado autonomo, dentro do proprio Estado. As heranças eram repartidas á revelia da justiça. Não existindo mais egoismo, maximo factor da desintelligencia entre os homens, o que poderia perturbar a paz, o socego do lar ?

Para que serve a religião si não para obrigar o homem ao cumprimento do dever, a respeitar o direito de seus semelhantes — « ama ao teu Deus e ao teu proximo como a ti mesmo » ? Em Kiato, cumprido fielmente o decalogo, as praticas religiosas não eram mais precisas. Desappareceram.

CAPITULO X

REORGANIZAÇÃO DO REINO

A reorganização política de Kiato fel-a Pantaleão I, tempos depois de seu dominio absoluto.

A população do Reino era de dez milhões de habitantes, como provava o ultimo recenseamento, feito com a maior exactidão. No tempo da decadencia nunca fora possível sabel-a ao certo.

Logo que o povo começou a regenerar-se, a cumprir os seus deveres, estatuiu-se que, na segunda quinzena do mez de Janeiro, compareceria á presença do chefe da communa o pai de familia ou quem suas vezes fizesse, a inscrever no registro de recenseamento o nome, idade, estado, profissão de cada um dos membros de sua familia. Quando se encerrou o serviço, podia-se dizer que estavam alistados todos os habitantes do Reino. Não se fez despesa. Uma só commissão não foi nomeada. Avisado o cidadão, que devia em tal tempo comparecer ao serviço do censo, não faltava ao dever.

Pantaleão I dividiu o Reino em circumscripções que chamou «kiatisito», cada uma com população não excedente a cem mil almas.

O kiatisito era governado por uma junta composta

de tres membros, nomeados pelo rei. O suffragio universal havia sido supprimido. A junta governava por tres annos. Ao findar o mandato, tres mezes antes, enviava ao rei uma lista dos homens, maiores de cincoenta annos, de cada kiatisito. A escolha se fazia á sorte, porque eram todos iguaes. O cargo não era remunerado. Limitava-se a acção do poder publico a gerir as finanças da localidade, receber as esportulas que davam a titulo de imposto, e vigiar as fronteiras do Reino.

Ver um kiatisito era ver em miniatura uma photographia da capital.

Os governadores cuidavam, com excessos de zelo, das relações com estrangeiros dos centros visinhos. Para um cidadão sahir temporariamente do paiz, eram feitas tantas exigencias, o processo tão longo e complicado que era preferivel sahir de vez. O estrangeiro que entrava pelas fronteiras era, ao chegar, interrogado por um dos membros da junta e espiado noite e dia — serviço este feito por todos.

Tinham horror ao homem de outras terras por julgarem-no um animal empestado, prevenção semelhante á do homem branco dos Estados Unidos da America do Norte pelo negro. Desde a escola primaria á universidade ouviam prelecções, narrativas de factos, no sentido unico de lhes prevenir o animo contra os habitantes das outras regiões da terra, em que eram cultivados os grandes vicios e amados os pervertedores da humanidade — alcool, syphilis e fumo — de modo que não podiam deixar de sentir essa repugnancia.

A sua superioridade era incontestavel: Tinham a certeza d'ella, todas as vezes que se comparavam com os

estrangeiros que aportavam ao Reino. Nunca tinham visto uma das mais fortes e sadias creaturas de outro clima, que, comparada a elles, não fosse um tarado, um poço de diatheses, as mais horriveis! Physicamente, um aleijão; moralmente, bebado, devasso !...

O kiatense tinha consciencia do seu valor, de que a differença entre elle e outros homens dos mais civilisados do mundo era a mesmia que entre o hotenttote e o homem culto da Europa. Mesmo assim, escudado em sua superioridade, o Poder Publico vigiava o estrangeiro.

E essa vigilancia devia continuar sem esmorecimentos. A propaganda contra os inimigos do homem proseguiria dia e noite, por todos os meios, empregando-se nella o melhor do esforço e da intelligencia. O cidadão do Kiato estava purificado, mas podia ser de novo empestado. Devia olhar para a creatura de outra terra como para um animal, o macaco por exemplo.

Puros eram os primeiros homens quando sahiram das mãos de Deus. Tempos depois perverteram-se. A degeneração começou em Noé. O anathema lançado pelo patriarcha no filho Cham, por ter zombado delle quando bebado, é um symbolo. Cham representava o alcool. Condemnados ficariam, até a quinta geração, a todas as desgraças, os que delle fizessem uso. E o homem foi se empestando, depravando-se até cahir apodrecido nos muros de Sodoma e de Gomorrha.

A putrefacção era physica e moral. Para sanear aquelle ambiente corrompido por toda a casta de doenças e vicios, desceu o fogo do céu, o masculino purificador, e instantes depois, da esterqueira humana só restava um montão de cinzas e uma estatua de mulher. As cinzas do

incendio não se tornaram inocuas; levavam o germen do mal: mais tarde, invadia Roma, contagiada pelo vicio em suas diversas etapas...

A organização politica do Reino garantia a cada agremiação autonomia e liberdade, obedecidas as leis basicas impostas pela Nação, que se resumiam nestes dois artigos:

«Cumpre o teu dever e respeita os direitos de teus semelhantes».

O kiatense, depois que entrou em convalescença, tomou na mais alta consideração a hygiene. As molestias que reinavam endemicamente foram supprimidas depois de observados os preceitos higienicos. Uma d'ellas, das que maior numero de victimas fazia, era a «ankilostomiasi». Como o anquilostomo não havia de morrer, si os focos, o seu habitat, a sentina, a agua aseptica, haviam sido destruidos por completo?

No tempo da decadencia, em sua maioria atacada de miseria organica, não parecia a mesma aquella gente. Nada d'aquelle ar de vencida, cançada, estropeada; nada d'aquelles gemidos ao menor esforço, De uma agilidade pasmosa, caminhava agora leguas e leguas sem fadiga, o sangue parecendo espoucar-lhe pelos poros. Até os sevandijas, as pragas haviam sido exterminadas pelo rigoroso aceio.

A extincção dos parasitas do homem não admira tanto como a dos animaes. E' verdade que a veterinaria chegara em Kiato á perfeição, como todos os ramos do conhecimento humano. Tão bôa a saude dos animaes quanto a dos homens.

Diversas epizootias grassavam, fazendo grandes es-

tragos nos rebanhos, mas foram desaparecendo com o saneamento do paiz. A mosca, o mosquito, o carrapato, a pulga, o gafanhoto, o percevejo, eram especies desaparecidas. Os germens pathogenos existiam, mas inoffensivos, não vencendo a resistencia dos phagocythos creados em organismos completamente sãos e, portanto, vigorosos tambem.

Em começo, devia ter sido assim. O infinitamente pequeno formou o primeiro elo das cadeias animal e vegetal. Elle habitou primeiro a terra, inoffenssivo, porque as suas aggressões ao homem eram repellidas sem que elle as percebesse. Não foi a civilisação que degradou o homem, foi o alcool, a syphilis e o tabaco que o estropearam. A perversão dos costumes acompanhou, passo a passo, as sociedades civilisadas, porque o virus da degeneração as havia contaminado.

CAPITULO XI

A LITERATURA

PARA se avaliar um povo nada mais é preciso que sua literatura.

Paterson quiz aprofundar os seus estudos sobre a gente do Kiato no passado e no presente. Melhor que a sua bibliotheca, que fonte procuraria para beber noticias da origem e da vida desse povo?

Procurou, pois, a casa dos livros, o tabernaculo em que se guardavam as reliquias mentaes de muitas gerações passadas, o esforço de tantos homens já desaparecidos ou ainda vivos.

O edificio em que funcionava a bibliotheca era um grande palacio, construido no tempo da decadencia. Dirigiu-se á portaria: aberta. Uma larga escada de marmore negro reluzia, mordida pelo sol da manhã, que entrava em fartas ondas, portas a dentro. Em letras negras lia-se, encimando o atrio — «Bibliotheca Publica».

Paterson subiu. Chegando ao patamar, achou-se num vasto salão deserto, que parecia convidar ao estudo, á meditação. A's paredes, rigorosamente limpas, estantes de tres metros de altura, o verniz preto a espelhar ferido pela luz,

que, illuminando fartamente o recinto, se reflectia nas vidraças protectoras dos livros.

Ao centro do salão, mesa de dez metros de comprimento, envernizada de preto, cercada de cadeiras, que sob ella se escondiam, deixando ver somente os espaldares. De espaço a espaço, uma escrivaniania com seus pertences, cadernos em branco, lapis, pennas, canetas e canivetes. Uma placa de pedra embutida no alto da parede do fundo trazia o numero 1.

Paterson procurou os empregados, ao menos um botão electrico para chamal-os; não encontrou. Correndo a vista pelo salão, leu na parede do fundo do compartimento, por cima de uma pequena banca — «Informações».

Dirigindo-se para lá, viu sobre a mesinha um grande livro. Abriu-o. Era uma noticia completa do estabelecimento, em diversas linguas. Informou-se, então: os salões eram em numero de dez, no salão numero 1 encontravam-se, por exemplo, a historia antiga, as obras scientificas de alguns dados paizes. Cada salão tinha o seu catalogo de todos os autores, por ordem alphabetica, com o numero das estantes e das prateleiras. Era facilimo encontrar um livro...

O que mais admirava Paterson era a ordem, o aceio, o methodo em tudo. Não havia visto pessoa alguma, embora as estantes estivessem todas abertas. E' verdade que em todas ellas havia um aviso: — «Tire o livro com cuidado, leve-o com carinho, manuseie-o sem maltratal-o, depois traga-o e colloque-o no mesmo lugar em que o encontrou. Assim elle servirá a muitas gerações» — recommendação que era attendida.

Em outra qualquer parte do mundo, qual a biblio-

theca ou estabelecimento que estaria aberto noite e dia, sem ser saqueado?

A questão era não ficar guardada. Com empregados vigilantes mesmo, quanto livro teria sido furtado, quanta pagina arrancada por preguiça de fazer-se a copia, quanta caneta, lapis, canivete carregados! Todas essas misérias, praticadas no Kiato antigo, seriam hoje a morte moral de um homem. Nem mesmo o estrangeiro que frequentava a bibliotheca se animava a commetter taes delictos, porque bem sabia que era vigiado. Enganava-se suppondo-se a sós: olhos que os seus não viam, não o perdiam de vista.

Paterson consultou o catalogo alphabetico. Queria o «Novum Organum» de Bacon, livro raro, que havia muito desejava conhecer. Tinha-o procurado inutilmente em diversas capitaes. Achou-lhe o roteiro: salão numero 6, estante 25, prateleira 8. Dirigiu-se para lá.

Estava o «Novum Organum» no mais perfeito estado de conservação. Sentou-se á mesa para satisfazer, naquellas paginas, a curiosidade de seu espirito. A obra era interessante por archaica. — Era a chimica no berço, eram as primeiras linhas do methodo experimental, as bases do grande edificio da sciencia moderna.

Depois de duas horas de leitura, repoz no seu logar a obra, tomou o chapéo, a bengala e encaminhou-se para a escada. Ao chegar ao patamar, um clarão, offuscante como um relampago, deslumbrou-o: uma lampada brilhava, illuminando estas letras negras:

«Dr. King Paterson. Tenha a bondade de voltar, assignar o livro de visitas, aberto sobre a mesa do salão numero 1. Escreverá o seu nome, naturalidade, profissão, estado, e que livros consultou. Agradecido».

Paterson ficou estupefacto. Cada dia que passava em semelhante terra mais a admirava. Sabia que deviam vigial-o, como estrangeiro, porém tão originalmente nunca suspeitou.

Sanada a pequena falta, desceu e seguiu em rumo do hotel.

Conversando com Robert sobre o caso, soube que o kiatense não frequentava a bibliotheca durante o dia e sim á noite; o estabelecimento se achava aberto ás horas de trabalho para os estrangeiros. Dispoz-se a voltar, como de facto voltou, ás sete horas da noite, afim de continuar os seus estudos.

A primeira cousa que o impressionou, ainda na rua, foi a claridade offuscante de um sem numero de focos electricos, que sahia pelas janellas do edificio e se espalhava pelas cercanias.

Subiu.

Os salões estavam cheios. Rara a mesa com um lugar vasio. O silencio era tal que se ouvia o volver das folhas dos livros. O atrito do lapis, da penna escrevendo, todos esses leves ruidos se fundiam num sopro brando, que em cadencia estranha enchia o vasto salão.

Paterson, para não perturbar o silencio tumular da estancia, entrou subtilmente, como um felino. Accomodados chapéo e bengala, foi ao catalogo geral das obras dos kiatenses, antigas e modernas, onde as artes, as sciencias, as letras estavam representadas. Escolheu um romance do tempo da decadencia: «A queda».

Logo ás primeiras paginas, viu que lia scenas da vida de uma sociedade de todo corrompida. O autor, secretario da escola franceza, cultivava o thema eterno — o adul-

terio; mas em uma linguagem crúa, mais crúa que a de Zola na «Terra».

O enredo era conduzido com arte, as scenas vividas, as personagens moviam-se, nós as viamos como vivas. O vigor da expressão, o estudo dos diversos estados d'alma, a descripção das sensações, faziam do livro excellente incentivo, ou antes, optimo manual de perdição. Que differença da escola ingleza! pensava Paterson.

O romance inglez, forte nas descripções, não desnudando chagas que, a bem da moral, devem estar sempre veladas, deleita, moralisa, edifica. Dickens, por exemplo, tem paginas admiraveis de psychologia, paginas descriptivas intensas, mas é artista, que não desce á analyse dos estados pathologicos do espirito.

«A Queda», pathologia de uma alma enferma em todos os seus detalhes, era a repetição das mesmas scenas de adulterio tantas vezes celebradas. Uma mulher que entra na vida mundana, cercada de admiradores de sua rara formosura; que, escudada na virtude, resiste até mais não poder ás seducções; e que, afinal vencida, para se ver livre do marido, mata-o. As peripecias, descriptas com tal maestria, tornavam-no optima lição de adulterio.

Para a arte não ha immoralidade; mas o artista deve ter pudor, não deve cultivar o «feio» de preferencia ao «bello», e nunca o obsceno. Zola por exemplo, em alguns de seus livros, moralisa escandalizando. Para mais realçar a belleza de um membro são, apresenta primeiro a fealdade repellente de um membro gangrenado. Descreve a enfermidade sem escolher termos, indo ás vezes até á obscenidade.

Paterson voltou na noite seguinte á bibliotheca; a

mesma concorrência. O segundo romance do tempo da decadência, que leu, tinha o título — «Coração de mãe».

Libia, uma mulher formosa, nova, casada, rica, honesta, frequentando a alta sociedade, tinha um filho unico idolo do casal. O marido, um guapo rapaz, amava-a. Era feliz.

Um dia, seu lar foi invadido pela desgraça. A criança mordida por um cão damnado — prologo de uma tragedia — o medico foi chamado immediatamente. Era um homem novo, bem apessoado, que desde muito tempo alimentava ardente paixão por Libia. Nunca tivera coragem de lh'a declarar, tal o respeito que impunha o ar senhoril daquella casta e formosa mulher.

Um pensamento maldito encheu a alma do doutor: possuir aquella carne, tel-a ao contacto de sua carne, sorver a grandes haustos o perfume que della se evolasse quando o seu ser se crispasse na volupia do goso. Possuilla, gosalla, antes que fosse preciso infamar-se, violar a consciencia, lançar um anathema sobre o seu nome. Obrigallia a trocar a honra pela vida do filho.

Valeu-se Libia das lagrimas, implorou piedade, mas o seductor, na febre da paixão, consciente de seu poder, (só elle, no momento, possuia o antidoto da raiva e ademais ausente o pae do enfermo) o seductor, impassivel, exagerou a urgencia da applicação do serum, fazendo ouvir o seu ultimatum: — ou ella se entregava, ou teria de ver morrer o filho hydrophobo, amordaçado, para não se morder a si e aos outros.

A infeliz mãe ajoellhou-se-lhe aos pés, pediu-lhe piedade, as mãos supplices, os olhos quebrados, numa languidez dolorosa, empanados de lagrimas, que se succediam

celereres. Não se apiedou elle; pelo contrario, accendeu-se-lhe mais a paixão, que o devorou inteiro. A sua carne, fremin-do de desejos, respondeu ás lagrimas daquella mãe torturada:

— Alguns minutos mais de demora, seu filho estará perdido.

Libia, prostrada ainda, no auge da angustia, concentrou no olhar toda a ternura de sua castidade agonisante, os ultimos lampejos da luz de sua honra que bruxoleava, prestes a apagar-se, e fitou o seductor esperando commovel-o.

O medico comprehendeu: aquelle olhar era o derradeiro esforço, a extincção das energias daquelle espirito.

Possuiu-a ali mesmo, mas possuiu o corpo de uma mulher em syncope, apparentemente morto, sem vibrações e sem gosos...

Quando Libia deu accordo de si, estava em sua alcova, o filho salvo, enquanto o medico, reflectindo em sua casa nas scenas passadas, era presa de idéas mortificantes.

Um pensamento sobretudo o acabrunhava: — não tinha gosado Libia, mas violado o seu cadaver... Fôra um infame, um covarde!... Lubrico como um capro, atirara-se sobre a victima e, quando a cingiu ao peito e colou os labios aos labios d'ella, molhados de lagrimas, já ella estava sem sentidos. A vista, empanada pela concupiscencia, não via decompostas as feições da mulher em que ce-vava a sua paixão, a pallidez de cadaver, os olhos de cilios mal cerrados, deixando perceber uma esclerotica onde se afogava um iris opaco, como velado pela morte. No auge da volupia, não sentira a frieza do corpo d'aquella mulher nova, que a syncope tinha esfriado. Gosara uma estatua como de pedra, apenas humidecida de um suor glutinoso.

Libia, por sua vez, tinha vaga idéa do que se havia passado até o momento em que ouviu o ultimatum do seductor: «Alguns minutos mais de demora, seu filho estará perdido». Lembrava de que estas palavras a atordoaram. Sentiu um vazio na cabeça, os olhos esfriaram-se-lhe, como dois globos de gelo, teve uma sensação de fim, o corpo a tomar proporções taes que parecia tocar o tecto, a vista tendo eclipses até que num delles a visão não mais se fez, acabando-se com ella a consciencia.

A ultima impressão que lhe ficou foi a da constricção do busto, a de um corpo que lhe aquecia os labios... E a vida pareceu cessar.

Quanto ao acto carnal, ignorava-o por completo. Só mais tarde teve a prova material delle. Sua castidade não na havia perdido; sua honra não havia sido offendida nem em sonho. Continuava pura perante sua consciencia...

E Paterson fechou o livro. Querendo, agora, conhecer a vida de Kiato moderno, escolheu um de seus romances contemporaneos — A Felicidade.

O primeiro capitulo deu-lhe a conhecer a feitura do livro: scenas populares, photographias da vida campezina em toda sua simplicidade e pureza de costumes. Scenarios descriptos com vigor e arte, o leitor tinha a sensação do real, tal a nitidez dos quadros; uma aguaforte emfim. Os campos pareciam naturaes, com flores e perfumes tão activos que impressionavam ao olfacto.

Esse ninho de felicidade abrigava um casal, que para ali entrára na alvorada da vida, e, hoje, já em meio da jornada, cercado de crescida prole, vive muito bem com o seu Deus, com os seus gados, tirando da terra — mãe de todos os homens — o pão de cada dia.

Os amores daquelle casal haviam sido castos como os das borboletas. O entrecho da novella, um idyllo de beija-flores, de cujas scenas simples, que não sacudiam os nervos com o horrivel, a arte tirava encantos, symphonias que embriagavam a alma do leitor.

«A Queda» — deixára o espirito de Paterson atordado pelo escandalo, pela maldade humana; «A Felicidade» embevecera-o na contemplação de scenas placidas, vividas no paiz do sonho. O romance era todo inteiro uma canção que enternecia a alma. As proprias sombras, que faziam a mortecor do quadro, não chegavam a dar tons de tristeza á aquarela.

Na terceira noite, voltou Paterson á bibliotheca para consultar alguma obra scientifica de autor kiatense. Encontrou — «A origem da vida».

O assumpto era vasto e suggestivo. Delle grandes homens se haviam occupado, sem achar a verdade. Darwin, Lamark, Haeckel, Quatrefages, Spencer, pretenderam achar a incognita do problema na geração espontanea e no transformismo; chegaram a crear uma escola, o «darwinismo», bonito e bem architectado edificio que não resistiu aos embates das escolas que contra elle se formaram e acabou ruindo, porque a sua fundação repousa sobre uma base falsa, um espaço vasio, que era o intermediario, o elo que unia o homem ao mais perfeito dos macacos.

Paterson estava ancioso por conhecer as idéas do autor. Seria possivel que o problema do apparecimento da vida sobre a terra, até hoje insolúvel pela nossa carencia de conhecimentos, aquelle povo o tivesse resolvido? Bem podia ser que lhe estivesse reservada essa agradavel surpresa.

Leu o livro em tres noitadas. Os primeiros capitulos, destinados á critica do darwinismo, provavam a falsidade da escola. Sobre a geração espontanea, fazia considerações baseadas nos estudos de Pasteur. Dava grande importancia á theoria da fermentação, estudo que devia desvendiar o mysterio da vida e da morte e portanto da geração espontanea. Sobre as forças dissymetricas no desenvolvimento da vida, que Pasteur estudara com grande interesse, para resolver o problema dos organismos vivos apparecidos sem ascendentes, o da germinação sem semente, pensava que o sabio francez chegaria a descobrir a verdade, embora grandes scientists como Biot acreditassem na geração espontanea. Aristoteles e sabios de seu tempo haviam crido nella.

No seculo XVIII, Helmont ensinava como se faziam camondongos. Ainda hoje, alguns povos acreditam que dos cabellos da cauda do cavallo geram-se enguias nos lagos de agua doce; que os insectos «louva-Deus» são pequenos vegetaes que se transformaram em animaes. O microscopio muito contribuia para animar os que acreditavam na vida gerada por si mesmo.

O autor citava factos que bem deixavam ver que elle estava a par da questão da geração espontanea desde Aristoteles. O cardeal Polinac, lembrado por elle, dizia, no começo do seculo XVIII: «animaes e vegetaes foram creados, tudo no mundo sahiu do ovulo ou da semente». No meiado daquelle seculo, dois padres, um inglez e outro italiano, terçaram armas discutindo a geração espontanea. Buffon entrou na peleja, pela doutrina da vida gerada por si mesma, com tanta felicidade que chegou a fazer escola. Voltaire, com a sua costumada ironia, entrou na questão di-

zendo: — E' estranho que homens que negam o poder creador de Deus arroguem-se o poder de crear enguias».

Em discussões e experiencias passaram-se os seculos XVII e XVIII; já no meiado do seculo XIX, Pasteur matou a questão da geração espontanea. Teve de bater-se com inimigos do valor de Pouchet, Joly e outros. Todas as suas experiencias se baseavam no methodo experimental. O microscopio prestava-lhe grandes serviços. A fauna e a flora atmosphericas, até então ignoradas, faziam-lhe revelações estupendas. Antagonistas contradiziam-nos allegando, baseados em factos mal observados, o apparecimento da vida, a fermentação em liquidos asepticos em presença do ar atmospherico. Os infinitamente pequenos eram a causa da fermentação — affirmava Pasteur.

Pouchet negava aquella asserção firmado num facto por elle observado nas planicies da Sicilia, no Etna, e no mar. Affirmava que a atmospherica era propria á genese organica em toda a parte, nas cidades as mais populosas, na vastidão dos mares, nas maiores altitudes. Num decimetro cubico de ar do cimo do Hymalaia ou da rua mais central de Londres obter-se-ia a geração de legiões de microzoarios ou de mucidinéas.

Pasteur aprofundava cada vez mais os seus estudos sobre a fermentação, os quaes dariam em resultado provas irrefutaveis contra a pretendida heterogenia ou geração espontanea. Chegou ao conhecimento de que ha seres microscopicos, que vivem sem ar — os chamados «anaerobios», e seres aos quaes o ar é indispensavel á vida — os «aerobios».

Convencido de que o instincto da conservação é innato, o que se vê até nós animaes unicellulares, assistiu á

lucta do mycoderma aceti com as anguilles, batendo-se estas pelo ar atmosferico.

Dando grande valor ao infinitamente pequeno, considerando-o factor primordial da vida sobre a terra, exclama o sabio francez :

«Se os seres microscopicos desaparecessem do nosso globo, a superficie da terra cobrir-se-ia de materia organica morta e cadaveres de todo o genero (animaes e vegetaes).

São os infinitamente pequenos, que dão ao oxigenio principalmente as suas propriedades comburentes. Sem elles, a vida seria impossivel, porque a obra da morte ficaria incompleta».

O autor commentava com muita sabedoria estas palavras de Pasteur. Sem a putrefacção, que é obra dos microorganismos, como se faria a resurreição da carne, como seriam restituídos á natureza os elementos que constituem a materia organica para a formação de novos seres? Só a putrefacção, só os microorganismos podem decompor a materia organica, completar a obra da morte, alimentar a vida. O autor considerava, depois dos estudos de Pasteur, morta para sempre a theoria da geração espontanea. Rejeitava todas as idéas apparecidas e procurava provar com os conhecimentos actuaes, consultando a historia natural, a paleontologia, e todas as sciencias, que a vida somente poderia ter apparecido em um meio, como o nosso planeta, em que só houvesse compostos ternarios e corpos simples, a materia inorganica, mineral.

Estudou a origem e formação da terra, as idades por que passou, as forças que actuaram sobre ella quando a esphera não tinha a crosta solidificada e a forma actual.

Abria de um lado a Biblia e do outro a sciencia. Pondo de parte o symbolismo, o estylo rebuscado do livro santo, via-se que as idéas eram as mesmas, apreciando factos que ficaram escriptos, não nos hieroglyphos, nos pergaminhos, porém nas folhas dos grandes livros da Terra — os terrenos da sua crosta. A formação geologica, os periodos de fogo e agua por que passou o globo, descriptos pela Biblia, a paleontologia os confirmava.

Que a terra teve origem ignea, passou queimando no espaço seculos ou milenios tem-se a prova material todas as vezes que penetramos as suas entranhas, percutimos o seu esqueleto, todo formado de rochas plutonicas.

Nesse periodo, a sua constituição era semifluida, o que prova a forma actual do globo, dilatado no equador, achatado nos polos, forma essa devida á força de rotação impressa á esphera ainda em não completo estado de solidificação.

O calor central, a existencia do pyrosphero, que parece a alguns geologos duvidosa, os vulcões, os tremores de terra, os geysers, dizia o autor, são provas materiaes.

Ao periodo do fogo seguiu-se o d'agua. A Biblia fala de um diluvio universal, em que a agua cobriu os mais elevados pincaros das cordilheiras. Esse diluvio, a não ser um symbolo, foi posterior ao periodo neptuniano, que se seguiu ao periodo plutonico. Naquella epocha não existia alteração alguma, não havia relevo na face do globo. O levantamento das montanhas teve logar quando os gazes produzidos pelas combustões, ficaram retidos nas entranhas da terra e a sua força expansiva actuava sobre a crosta mal solidificada ; a parte mais tenue cedia, levantando-se camaleões colossaes, os Andes, o Hymalaia e todas

as cordilheiras que existem hoje. A' proporção que a crosta ganhava espessura, augmentava a sua resistencia, diminuia o relevo, reduzido este aos montes, aos pequenos outeiros, que salpicam hoje a face do planeta.

Essas alterações foram as derradeiras e fracas contorsões de uma formidavel crise epileptica por que passou o globo, crise que o abalou, que o sacudiu até ás fundações. O periodo neptuniano não é, portanto, o diluvio universal. A materia organizada não existindo, como Noé vivia? Afogado, diz o autor, esteve o globo por muitos seculos até que aflorou no immenso oceano o primeiro ponto, o Quarisankar no Hymalaia.

Outros pontos foram apparecendo, até que se individualizou a terra; separaram-se os dois elementos — terra e mar.

Devia ter sido uma convulsão cyclopica, de annos, talvez, taes foram as alterações que se operaram á superficie do planeta. A terra, que era uma, foi dividida em partes — os continentes. Ilhas appareceram, isoladas ou juntas formando archipelagos. No pincaro das montanhas, em diversas latitudes, elevavam-se pennachos de fumo negro, sahido das chaminés dos vulcões que appareciam pela primeira vez. Estas valvulas de segurança abriram-se durante uma preamar descommunal do pyrosphero, determinada por uma convulsão titanica do globo: Crateras abrir-se-iam para, em vomitos formidandos, sahirem os gazes, as materias incendiadas que premiam o envolucro terraqueo, ou o globo iria pelos ares. Ficou mais ou menos firmada, nesse periodo, a homogenia da terra.

O autor estuda a causa da erupção do vulcão e apresenta idéas suas. Diz elle: a lava vem das entranhas da

terra, mas qual a força que a faz subir? Acredita-se ser da agua, porque todos os vulcões, á excepção de tres ou quatro na Asia, acham-se nas ilhas ou nas costas. Presume-se ser a força expansiva do vapor d'agua que determina a ascensão da lava. Essa hypothese não satisfaz, attendendo-se á disposição interna do vulcão, imaginaria é verdade.

Supponha-se que sobre o lar do vulcão, em fusão ignea, cae uma grande massa d'agua. Dá-se a espherolisação — a agua vaporisa-se immediatamente. O vapor sobe pelo conducto até escapar-se pela cratera. A pressão do vapor d'agua jámais se faria sobre o lar do vulcão. Quando a cratera se acha obstruida pelo ultimo vomito de lava, que não poude ser lançado fóra, a força expansiva dos gazes o atira no espaço, um bloco ás vezes de algumas toneladas. Não explicaria a ascensão da lava o vasio que se faz no conducto pela subida do vapor d'agua? Não se dará o mesmo phenomeno que se observa nas bombas, quando se faz o vasio nos tubos? Objectarão que a pressão da atmosphera é que faz a agua subir nos tubos das bombas e — como ella se exerceria no centro da terra? O meio lá é outro e não se pode saber as modificações que soffrem as leis phisicas, que conhecemos, em uma temperatura que funde todos os corpos.

Além d'isso, a agua tem um limite de ascensão nas bombas. As lavas dos vulcões tambem o tem. A dinamica terrestre deve ser outra no centro do globo.

Para que a pressão do vapor d'agua fizesse a ascensão da lava como faz a pressão atmospherica na columna barometrica, era preciso que se exercesse sobre a lava e, assim, em primeiro logar, o vulcão vomitaria esta e depois o vapor d'agua. O que se observa é justamente o

contrario. Os gazes, subindo, fazem o vazio no conducto e a lava os acompanha porque a natureza tem horror ao vazio.

Diversas têm sido as hypotheses para explicar os phenomenos eruptivos. Attribuiram-nos ao incendio do carvão de pedra, á oxidação dos metaes alcalinos, o potassio por exemplo — hypotheses que não resistem á mais fraca objecção. Si a erupção do vulcão tivesse como causa a combustão da hulha, outras deviam ser as substancias vomitadas pelos vulcões. Si tivesse por causa a oxidação do potassio, seria o hydrogenio o producto regeitado. Alguns geologos pretendem encontrar a causa das erupções nas marés do pyrosphero, hypothese pouco plausivel, uma vez que as erupções não são periodicas. Pensam outros que a erupção é devida á compressão do pyrosphero pela diminuição do raio terrestre em consequencia do resfriamento.

Esta explicação tambem não satisfaz, visto as intermittencias que se observam nos phenomenos eruptivos, periodo de repouso e actividade.

A geologia, estudando a camada solida do planeta, conhece a origem das rochas, o periodo ou idade dos terrenos. As rochas de origem plutonica têm estrutura crystalina e nem uma cellula organica. Ellas forniam o esqueleto do globo, vestido pelas rochas de sedimento, neptunianas, dispostas em estractus concordantes ou discordantes, onde se encontra a materia organisada, restos dos primeiros animaes que habitaram a terra. Nos terrenos de sedimento, ha tambem, intercalado, o terreno crystalopheleano ou metamorphico, composto de rochas que, fluidas, vie-

ram do centro da terra e subitamente se crystalisaram quando cahiram nagua.

A vida manifestou-se primeiro no seio das aguas. Os vestigios do primeiro animal inferior, que a paleontologia encontrou, foram do «ezoon canadense», no terreno Laureniano da epocha paleozootica.

A primeira cellula vegetal, ou antes, o primeiro organismo uni-cellular não se encontrou. A monera, laço de união que liga as duas cadeias organicas, vegetal e animal, não foi achada. A vida havia de facto, diz o autor, apparecido em um meio todo inorganico. Quem creou a primeira cellula, deu-lhe vida, mysterio que até hoje não foi desvendado pela sciencia.

A paleontologia, estudando os terrenos, encontra as algas marinhas ao lado dos zoophitos. As duas cadeias ou, antes, os dois reinos vivos foram crescendo, aperfeiçoando-se e, quando ás suas especies o meio se lhes tornava inhospito, passaram a viver na terra.

Como nas aguas cresceram as plantas crassas, as cryptogamas, e á sombra dellas os vermes rastejaram, não tardou o aperfeiçoamento das especies, a criação de novos seres. Os vegetaes phanerogamos ostentaram as suas frondes, com flores e fructos, immensas florestas, a cuja sombra pastavam os grandes pachidermes.

A evolução dos reinos vivos, narrada pela Biblia, comprovara-se pela paleontologia. O ultimo elo da cadeia animal fôra o homem, dizia o livro santo.

A regular gradação na escala da vida, desde a monera até o homeni, foi a tentação de Darwin. Nesta evolução progressiva, julgou achar a solução do grande problema: estava explicada, pelo «transformismo», a origem

da vida sobre a terra. Foi essa, dizia o autor, uma miragem que deslumbrou grandes espiritos.

O darwinismo não explicava a homogenia dos seres vivos, quanto mais o apparecimento da vida no planeta. O homem, como todos os animaes superiores, veio já adulto ao mundo, isto é, si são as mesmas as leis biologicas que nos regem e regeram a elle nos primeiros tempos. Si são as mesmas, si o homem moderno é igual biologicamente ao homem antigo, só a symbolica creação de Adão pode explicar a origem da vida.

O autor pensa que a humanidade não ouvirá nunca a ultima palavra sobre o assumpto. Não será o raciocinio que desvenderá o mysterio. Os processos empregados pela sciencia — analyse, synthese, o methodo experimental, emfim — não darão em resultado sinão hypotheses. Os documentos a consultar, as causas a investigar serão sempre as mesmas — a crosta da terra, que com pouco resultado a paleontologia estuda ha muitos annos.

Os hieroglyphos, as tradições dos egypcios nada dizem de positivo e a noite de mysterio continúa a envolver a historia da origem da vida sobre a terra.

Paterson chegou ao fim do livro na mesma incerteza, convencido de que o caso é d'aquelles a que a razão, a sciencia e a intelligencia humana jámais encontrarão uma explicação que satisfaça. Será sempre a eterna questão: «qual mais antigo, o ovulo ou o ser que o gerou» ?...

São as causas primarias que o homem não explicará nunca. São os phenomenos magneticos, electricos, a radio-telegraphia, o sonho, os phenomenos espiritas, telepathicos, cuja causa escapa aos nossos sentidos, e a sciencia

não explica porque não pode comprehender o «porque» dos factos.

Paterson, na segunda noitada, voltou á Bibliotheca afim de conhecer a literatura didactica do povo kiatense.

Começou pelos livros antigos. As obras em que a infancia devia adquirir conhecimentos praticos e moralidade, fortalecer e formar o character, sobretudo estimular-se, eram de uma banalidade que tocava á demencia. Eram triviaes contos da carocha, reinos encantados, sem arte, sem graça, sem estylo e até sem grammatica. Nelles, de pedagogia nem sombra.

Enfastiado, escolheu um livro moderno. A differença começava pelo trabalho material. A impressão era nitida quanto podia ser, o typo graúdo, bem entrelinhado, de leitura facil. O papel de excellente qualidade e a encadernação artistica. Na capa lia-se: — «Leitura infantil — Quarta classe. Distribuição gratuita».

A instrucção publica em Kiato era sem onus de especie alguma. Os livros fornecia-os gratis o governo, desde a escola primaria até a universidade. Não havia razão para que o kiatense não soubesse ler. Pelo ultimo recenseamento, numa população de alguns milhões, não havia um só analphabeto.

Paterson folheou o livro e viu que tinha entre as mãos uma collectanea muito bem organizada de escriptos de autores celebres, sobre diversos assumptos e em linguagem correcta e facil. Eram lições de cousas, era o util unido ao agradavel, prendendo com muita arte a attenção da creança.

O primeiro artigo intitulava-se «O carbono». Este corpo era apresentado em todas as suas variedades, desde

o diamante, que adorna as mulheres dos paizes em decadencia, até o carvão das cosinhas.

Seguia-se outro sobre a agua. O autor estudava-a em todos os tres estados, o seu grande valor como alimento e o perigo de usal-a pura. Dizia que a agua podia ser aseptica e não ser potavel, que podia ser chimicamente pura e não ser aseptica, e exemplificava de accordo com os conhecimentos da creança.

Seguiam-se outros artigos e entre elles um de grande interesse — «Rudimentos de toxicologia». Escripto com muita clareza, ensinava a creança a defender-se dos venenos

Paterson fechou o livro admirando a didactica em Kiato.

CAPITULO XII

O INTERIOR DO REINO

PATERSON, uma manhã, conversava com Robert, sobre as maravilhas de Kiato. Comparava o viver d'aquella gente com o do povo inglez, considerado o mais livre dos povos, onde a Justiça tinha os olhos vendados.

Que era Londres, comparada áquella capital de meio milhão de habitantes? Uma miseria. As artes, as letras, as industrias, a agricultura offuscavam-se ante o progresso daquelle reino livre.

Paterson philosophava. A Inglaterra é o paiz do ouro, mas lá se morre de fome. Kiato é o paiz da fraternidade humana.

Londres tem lords que soffrem da gota, que morrem de inanição, porque não podem engulir, que têm cancros que lhes roem o estomago, que os privam de tomar alimento mezes e annos, como os miseraveis das pocilgas, que morrem de fome porque não têm que comer. Na Inglaterra, é preciso um exercito para velar pela paz do Reino; em Kiato, é a consciencia do cidadão que vela pela tranquillidade publica.

O rigor das leis inglezas não impede que o «gin's

palace» seja frequentado até aos domingos. No dia do descanso, recolhe-se uma quarta parte da cidade. Fecham-se todos os estabelecimentos, mas ficam abertas, isto é, de portas encostadas, as tavernas. Os operarios procuram o «gin's shop» em vez da igreja. Não achariam consolo no officio divino; e bebem aguardente até se atordoarem.

A lei ingleza o que não quer é o escandalo, é o espectáculo publico de homens sentados em frente do balcão da taverna, a beberem até se acabar o derradeiro penny. Não sendo offendidas em publico as leis do imperio, que o alcool continue degredar o genero humano, pervertendo-o espiritualmente, envenenando-o corporalmente, até o reduzir ao vil estado de perfeita alimaria.

Paterson iria adeante, nessas considerações, si Robert não lhe dissesse:

— E pensará você que é só na capital que se observa rigorosamente a lei? «La force prime le droit», como dizia Bismark; só se observa esse attentado á liberdade nos paizes em decadencia. Aqui é o contrario — «Le droit prime la force». Em qualquer recanto de Kiato, o cidadão vive e procede de accordo com a educação civica e moral que recebeu. Em toda a parte, vê-se a simplicidade pontificando. E' um povo sobrio em tudo. A felicidade não está no luxo. A mulher dos centros mais civilizados do mundo, com todas as sedas e joias, comparada á mulher de Kiato, em toda a sua simpleza, é uma desgraçada.

Vou contar-lhe uma viagem que fiz á fronteira do Reino, para melhor conhecer o povo a que estava deveras afeiçoado. Eu tinha de fazer uma viagem de algumas centenas de kilometros em estrada de ferro. Não sei si sabe que os trens aqui são movidos por tração electrica, apro-

veitada como força motriz para todos os misteres. Abandonou-se a agua, o vapor d'agua. Dos moinhos de vento nem mais as azas restam abertas no espaço.

Quiz conhecer uma das cidades manufactureiras, a cidade, ou antes, o kiatisito de Liserna. Não pedi informações por não ser preciso. O serviço de informes é feito pela imprensa, uma vez por semana, e tão perfeito que, de minha casa, conhecia todas as localidades do Reino, suas industrias, população, vida, distancia da capital, uma verdadeira photographia da circumscripção.

Admirei o progresso de Liserna. A ceramica tinha ali chegado á perfeição.

Segundo um estudo que li, nem a porcelana de Sévres, importada no tempo da decadencia, nem a da China, Japão, e outras procedencias podiam competir com o producto kiatense, cuja superioridade era devida á materia prima — o kaolim. Grandes jazidas de feldspatho em decomposição, mas purissimo, sustentavam cerca de doze fabricas. A porcelana era de uma transparencia quasi diaphana e da espessura de uma casca de ovo. Colorida, era dos mais bellos effeitos.

Tomei o trem que me devia levar a Liserna, em uma bella manhã de verão. Logo ao installar-me no vagão, avaliei a superioridade d'aquella via de transporte sobre as innumeradas em que tinha viajado em diversas partes do mundo. Os assentos eram commodos divans, sobre molas para amortecer os choques da tracção, como si estes não estivessem amortecidos pelas possantes molas em que, sobre os eixos das rodas, se assentavam os carros.

Pouca trepidação.

As refeições foram servidas em vagões especiaes.

Poucos pratos, muito mais fructas, hortaliças, doces, do que carnes.

Approximava-se a noite e pensava eu nos dormitórios. Logo que escureceu, raiou o sol electrico, illuminando tudo.

Aquelles que quizeram matar o tempo lendo, foram ás estantes, pois as havia em todos os vagões e escolheram o livro que os devia entreter. A's dez horas em ponto, a sineta tocou a silencio. Immediatamente levantaram-se, afastaram-se todos os passageiros das cadeiras, enfileiraram-se entre uma ordem de divans e a outra, no estreito corredor. Imitei-os. Desoccupados os assentos, ouviram-se ranger de molas, estalidos, engrenagens mordendo-se, e o interior do vagão transformou-se em dormitorio. Os divans viraram biombos; minutos depois, cada um era pequeno aposento, com cama, lavatorio e seus pertences.

Era a hora de dormir.

A's 6 horas da manhã, a sineta deu o signal de despertar. Feita a «toilette», sai do biombo. Em instantes desapareceu o dormitorio e voltou o antigo vagão.

Até Liserna, nenhum accidente alterou-nos a placida viagem.

Chegámos á cidade ao amanhecer de um bello dia sereno e luminoso. Era uma miniatura da capital do Reino, cidade nova e cidade antiga.

Ao saltar do vagão, fui cumprimentado por um rapagão de mais de vinte annos, que me interrogou em francez. Vendo que me exprimia mal, dirigiu-me a palavra em inglez. Desejava saber quem era, o que andava fazendo, interrogatorio muito semelhante ao que se faz na capital ao estrangeiro que ali aporta.

Satisfeita as exigencias, disse-me que, não havendo hotel, eu seria hospedado por conta da kiatisito e convidou-me a acompanhá-lo. Perto da estação erguia-se um pequeno chalet rodeado de jardins, á porta do qual parámos. Convidou-me a entrar e disse-me estar eu em minha casa, as horas das tres refeições, e a hora de recolher-me para dormir. Dito isto, retirou-se.

— O mesmo povo original por toda a parte — disse commigo. Já na Estação, ao tomar o trem, estranhei a ausencia de bilheteria. A passagem seria paga no trem, si o passageiro entendesse de pagá-la.

O mesmo systema dos bondes. Ao apresentar-me a bolsa, disse-me o conductor que, si quizesse, daria uma esportula. Calculei os kilometros pela tabella das estradas inglezas e dei-lhe quantia equivalente. Instantes depois, voltou a mostrar-me as moedas, perguntando se não me enganara. Achara excessiva a esportula! Disse-lhe que não.

Passado o meu espanto, entrei para o interior do chalet. Que vivenda confortavel! Eram quatro os compartimentos para dormir, espaçosos, arejados, bem illuminados pelas janellas que se abriam para o jardim. Todos desocupados e numerados.

Na pequena sala de visitas, uma mobilia de poucas peças e uma estante com livros, todos modernos, de autores kiatenses. Entre elles, um grosso volume, muito bem impresso, com finas gravuras — O kiatisito de Liser-na. Lel-o-ia á noite.

Havia mais, sala de jantar, banheiro e latrina, esta tão perfeita como as da capital.

— Não sei se você já observou, King Paterson, que

aqui o systema de exgoto é differente do usado em Inglaterra e nas outras partes do mundo ?

— A primeira vez que aqui entrei em uma sentina, notei que o ambiente era inodoro, respondeu Paterson.

— E nem podia deixar de ser assim, si as materias fecaes, quando caem na bacia e são arrastadas pelo jorro d'agua para o syphão, já estão esterilizadas, inocuas, pode-se dizer, por um processo que só em Kiato se conhece.

O modo por que a latrina funciona, todo automatico, é muito engenhoso. A pessoa senta-se e, quando se levanta, o apparelho faz por si a descarga, ao mesmo tempo, que uma esponja molhada em um liquido antiseptico faz a antisepsia do assento de madeira.

Depois que tomei posse de minha nova habitação fui visitar a cidade. Era uma miniatura da capital.

Vi escolas primarias em profusão. De ensino superior, havia um lyceu em que se estudavam preparatorios e uma escola de agronomia.

O titulo que em todo Kiato mais nobilitava um homem era o de «agronomosir». No tempo da decadencia, era o de doutor, mas doutores houve em tal abundancia que perderam toda a cotação.

Eu queria de preferencia conhecer Liserna industrial, manufactureira, pois havia sido negociante de porcelana.

A's onze horas menos dez minutos da manhã, voltei á casa, para almoçar ás onze, como me haviam ordenado.

Recolhi-me ao quarto para fazer as lavagens do costume. Ao soarem onze horas, soou a campainha electrica.

Fui para a sala de jantar. Não encontrei pessoa alguma. A mesa estava posta, sentei-me. Que lauto almoço !

Carne branca, pouca; hortaliças, fructas, doces, em quantidade.

Almocei.

Sahi depois, para visitar as fabricas de ceramica. A mesma ordem, a mesma disciplina das fabricas da capital, todos os machanismos movidos pela electricidade.

O dono do estabelecimento falou-me em inglez. E' preciso dizer que em Kiato não havia lingua nacional. A usada no tempo da decadencia, pouco falada hoje, foi substituida pelos idiomas mais usados no mundo.

Pedi licença para visitar a exposição dos productos da fabrica. Levaram-me a um vasto salão, fartamente illuminado pelo sol. Encostadas ás paredes, dezenas de prateleiras e nellas milhares de objectos de porcelana. Approximei-me. Deslumbraram-me os tons da louça pintada e o leite da louça branca. As tintas de tão vivas pareciam naturaes. Vendo-se uma folha, um fructo, tinha-se a illusão do real.

Minha admiração chegou quasi á estupefacção deante de duas jarras que iam para o rei de Inglaterra. Foram as maiores, e as mais perfectas que tenho visto. Nos lugares nús, a louça era translucida, de uma diaphaneidade maravilhosa. Arabescos feitos com muita arte, via-se engenhoso em todas as linhas da paizagem.

Numa das jarras, a ornamentação representava um pedaço de floresta ao amanhecer, com aves revoando, borboletas aos beijos e beija-flores a sugar o mel. Tinha-se a illusão do real. Um dos colibris azul-e-ouro, que, com uma poupa quasi ferrete, adejava sobre a flor de um cacto, que se enredava como serpente no tronco de uma palmeira, dava aos sentidos a sensação do natural. Nunca os meus olhos de amator tinham admirado pintura igual.

A outra jarra, ornamentada em genero differente, representava uma caçada de javalis. O porco, ao sahir do covil, perseguido por um caçador e uma matilha amestrada — todas figuras animadas, correndo. O jogo da musculatura nas diversas posições era tão bem estudado como se fosse uma photographia instantanea. Scena representada tão ao vivo, a illusão tamanha, parecia ouvir-se o rosnar da féra.

Sai da fabrica fazendo um juizo elevadissimo da ceramica em Liserna.

Não quiz regressar á capital sem conhecer uma aldeia. Na pequena agremiação, o povo devia ser mais atrazado. Consultei o «kiatisito de Liserna» e li que a doze kilometros, havia a aldeia de Orthoze com uma população de 5 mil habitantes de agricultores e pescadores, dez escolas primarias e um campo em que se ensinavam principios de agronomia.

A viagem para Orthoze foi em automovel, pois o Reino é cortado, retalhado mesmo, de optimas vias de communicacão, ferreas ou de rodagem.

Chegando á aldeia, logo que desci do vehiculo, fui cumprimentado e interrogado por um senhor de meia ida, de, que me disse ser o governador da aldeia. Offereceu-se para mostrar-me as escolas, o campo agricola e os seus instrumentos de pesca. Aceitei e, depois de ter tudo visto, fiquei certo de que, vendo-se a capital do Reino, se tinha visto todo o Kiato em miniatura. Despertaram-me attenção os aparelhos de pesca. Pouco entendido em semelhante industria, pedi explicações ao governador, que, com grande cortezia e proficiencia, explicou-me a excellencia das redes inventadas ali, de facil manejo, dando esplendido resultado

Disse-me que Liserna era abastecida de peixe por Orthoze, que o mar era muito piscoso, mormente a bahia, á margem da qual se achava a aldeia, bahia de aguas sempre quietas e serenas.

Tomei o automovel, voltei á cidade e, no outro dia, á capital do Reino.

CAPITULO XIII

O PARQUE DA MORTE

PATERSON havia corrido toda a capital, visto muita coisa interessante, original, mas faltava-lhe ainda uma surpresa.

Uma manhã, passeava pelo lado occidental da cidade, quando a rua desembocou em uma praça. Na parede da esquina á direita, a certa altura, uma placa embutida com esta inscripção:

Parque da morte.

— Exquisito titulo, pensou.

Era o primeiro distico que via. Percorrera a capital inteira e não encontrára uma rua ou praça com nome proprio; todas tinham numero. Estranha a arborisação. Cyprestes e chorões plantados em renques formavam alamedas, ruas espaçosas, que iam ao fim do parque.

Era día alto, o sol resplendia, afogando em luz aquellas plantas, em cuja ramaria o vento esfusiava, arrancando accordes de uma cadencia funebre.

Não se sabia qual mais triste, si o cypreste perfilado, com os ramos desfiados pelo vento, si o chorão com os galhos pendidos em funeral.

A estancia era triste.

Paterson foi entrando.

— Onde estariam os tumulos?

A casaria dos quatro lados da praça toda vasia, algumas ameaçavam ruína. Qual a causa de tamanho abandono? Não podia atinar.

Cemitério?

Não podia ser.

Nem um transeunte a quem falasse.

Aventurou-se por uma das alamedas, parou a meio, estupefacto, deante de uma forca.

— Uma forca!...

E a machina de matar, ali perfilada havia seculos, continuava em seu mutismo de cousa. Paterson aproximou-se mais do instrumento abjecto, mais ignobil do que a guilhotina: pregada ao madeiro, em perfeito estado de conservação, apenas perfurada em diversas alturas pelo caruncho, uma placa com esta inscripção em alto relevo:

«Conservada para relembrar a maldade humana, seu falso criterio, e sua falta de senso. A morte nunca corrigiu, nunca exemplificou. Nos paizes onde existe a pena de morte, o crime não desapareceu. Este local ficou sendo um campo santo, abandonado pelos vivos, desde que o kiatense comprehendeu, purificando-se, que o homem não tem o direito de matar. Elevai, visitante, o vosso pensamento ao além, onde pairam os espiritos dos que aqui foram assassinados em nome da justiça».

Paterson sahiu arrepiado. Conservar aquelle odioso e vil instrumento, como uma pagina de historia antiga, só esta gente!

Chegando ao hotel, trocava idéas com Robert.

Contou-lhe o hoteleiro as homenagens que todos os annos prestava a população da cidade aos que haviam sido estrangulados ali. Não prestavam cultos aos mortos porque elles não morriam, acabavam-se. Tinham piedadde dos assassinados em nome da lei. Não sabendo onde repousavam os restos delles, fizeram da forca um lugar sagrado, aonde todos os annos iam em romaria levar-lhes o preito de sua lembrança e condemnação aos que os mataram.

Era uma enorme romaria. Iam em grande recolhimento, e, ao pé da forca, cada um lançava a sua offerenda, um ramallete de flores. O que mais edificava naquella homenagem era o respeito com que todos se portavam. Que differença da romaria á morada dos mortos no dia de finados, nos paizes civilizados do resto do mundo ! Que bachanal ! O luto pesado dos visitantes — um escarneo aos mortos. Nem numa feira ha tanta irreverencia. Os mausoléos serviam de mesa ás vitualhas e vinhos do festim macabro !

Paterson, ainda impressionado com o parque da morte, dizia comsigo :

— Conservado o Forum, devia ter sido conservada, como foi, a forca. Esta é a consequencia d'aquelle. O assassino é uma consciencia que se desvairou ao serviço do mal. A justiça são consciencias desvairadas, que, sem responsabilidade, mandam matar. O assassino tem atenuantes ; a justiça não.

O maior crime de 93 foi o assassinato de Lavoiser, sabio que valia mais que milhares de homens como Marat, seu assassino. A Revolução Franceza maculou esse delicto, infamou-a até a consumação dos seculos. Os beneficios que fez a sociedade não a remiram do attentado con-

tra a humanidade, privando a sciencia de tão grande obreiro.

O assassino e a justiça a culpa os irmana. Ambos são réos, ambos mataram.

A ignobil machina era conservada como symbolo da decadencia de seus antepassados e um protesto de reprovação á lei, que em nome da justiça manda matar.

Porque a civilisação não supprimiu a guilhotina? Porque a civilisação só aperfeicoa o viver material do homem. A moral estaciona. As artes, as sciencias progredem, dando á humanidade mais conforto, mas deixando inculta a sua moral. Que é a guerra sinão a perversão da moral no gráo mais elevado? A ultima guerra que foi sinão um formidavel ataque de epilepsia que convulsionou os paizes mais cultos do mundo? A sciencia deu-lhe armas pavorosas, como os gazes asphixiantes, os submarinos, os aeroplanos e um sem numero de machinas de matar.

No homem de bõa moral, a consciencia não se desvaira. Emquanto o homem matar seu semelhante, está muito longe da civilisação, que é a fraternidade humana. A sciencia encurtou as distancias, conquistou o espaço, viajou no fundo dos mares, alliviou-nos dores do corpo, deu-nos a palavra de um outro continente, tornou faceis e commodos os nossos meios de transporte, mas nada fez em pról da humanidade, porque não cultivou a sua moral.

O homem, emquanto destruir o seu semelhante, será um barbaro. O rei, o presidente da republica, o tuchaua, os dirigentes de homens, emfim, não têm o direito de attentar contra a liberdade de consciencia de seus subditos. Emquanto não lhes for defeso esse crime, o homem não será livre. Emquanto os governos obrigarem o cidadão a exercitar-se na arte de matar, a humanidade não progredirá.

Minha moral diz: — «não matarás». O governo obriga-me a entrar para o exercito, a fazer um curso, uma aprendizagem, cujo unico fim é aperfeiçoar-me na arte de destruir. A idéa de matar horrorisa-me. Tenho de aprender a manejar as armas para um dia satisfazer, talvez, aos caprichos do chefe da nação, bater-me, tirar a vida de homens de outras terras, de outros climas, que nunca me offenderam, ou de meus proprios irmãos. E' horrivel. Si resisto, prendem-me, arrastam-me para o carcere, infligem-me torturas, enquanto minha mulher e filhos padecem fome, porque lhes arrancaram o arrimo, o chefe da familia, porque este obedeceu á sua moral, seguiu os ditames de sua consciencia.

Os dirigentes de homens justificam as classes armadas para a defeza da patria, em caso de aggressão estrangeira. Os grandes exercitos, pelo contrario, incitam a guerra. Um homem desarmado soffre melhor as offensas.

Tem-se uma idéa muito falsa de patriotismo. Quem ama a sua patria quer vel-a na paz, procura por todos os meios evitar os desastres de uma guerra, eĩmbora tenha a certeza da victoria. Governo patriotico é aquelle que conjura as crises internacionaes pela arbitragem, pela diplomacia e nunca pelas armas. A prova tivemos na ultima guerra. A Allemanha quiz esmagar a França, porque tinha um formidavel exercito. Entraram na lucta quasi todas as nações do mundo. Qual o resultado? Morreram milhões de homens e as nações que se bateram ficaram quasi anniquiladas, e tão cedo não se levantarão. E' o caso de dizer: não houve vencidos nem vencedores.

O Kaiser e o tuchaua têm a mesma moral: matam os seus semelhantes.

CAPITULO XIV

O CENTENARIO

IÁ fazer duzentos annos que o povo de Kiato começara a sua regeneração. Essa data, a maior para uma nação, maior mesmo do que a do seu descobrimento, pôr isso que a da sua independencia, como seria festejada pelos cidadãos do Reino ?

King Paterson disse a Robert que lhe era impossivel sahir de Kiato sem assistir ás festas do centenario. Não sabia de que maneira um povo tão original commemoraria a maior data da patria. Não podia imaginar quaes seriam as demonstrações de contentamento d'aquelles cujo sentir era tão differente do dos outros povos da terra.

Havia assistido a coroação de reis, em que as festas deslumbravam pelo esplendor. Formaram milhares de soldados para fazer continencia ao soberano, que subia ao throno ; cantaram-se te-deums em todas as cathedraes ; salvaram as fortalezas e a esquadra ; tocaram todas as bandas de musica da cidade, no momento solemne em que se fazia a coroação. O mundo official trajava uniforme de gala. O povo enchia as ruas e praças para assistir á passagem do cortejo, ao desfilar das tropas, para ouvir musica. Era-lhe

indifferente a ascensão de um rei ao throno. Seria sempre o eterno tributario, o antigo servo da gleba.

Paterson relembrava em soliloquio o jubileu da rainha Victoria, celebrado em Londres, em que se gastaram milhões esterlinos.

Que a rainha havia feito para tantos louvores? Cumprido o seu dever, em um longo periodo de cincoenta annos. Aquelles milhões, gastos em festas sumptuosas e attrahentes, activaram a germinação da semente do socialismo.

A rainha passou em seu trem de gala e o povo descobriu-se, aclamou-a com delirio — manifestação falsa como falso é o criterio da multidão. A mesma gente que gritava — «God save the queen» — mudaria em um instante de pensar e gritaria — «Ao cadafalso a rainha». — Sempre foi e será assim o julgamento dos homens.

Contou Robert os preparativos da grande festa, que seria um acontecimento visto pela primeira vez em todo o mundo. Commemoração nacional, na qual tomaria parte o Reino inteiro, seria organizada por uma commissão de nove sabios, executadas as obras por uma turma de cem engenheiros.

Annunciada que foi a subscrição nacional para a commemoração do centenario, começaram a chegar esportulas de toda a parte. A Nação podia fazer as despesas, o rei podia fazel-as, mas não exprimiriam o pensar de todos, a manifestação não seria popular. As quantias enviadas á commissão de sabios montaram, em poucos dias, a milhares de contos de réis.

— A commissão de engenheiros trabalha ha cinco annos, com milhares de operarios, nas construcções que se

fazem nos suburbios da cidade. E' uma Babel. Imagine você uma grande villa toda de tendas leves, para agasalhar cada uma cinco ou seis pessoas, e terá visto a edificação. São feitas de papelão comprimido, especialidade muito superior á que se usa nos Estados Unidos. Nós admiramos lá aquellas construcções pela resistencia. Aqui têm dobrado valor. Basta dizer que a maxima espessura do papelão é de dois millímetros.

As informações de Robert despertaram em Paterson o desejo de ver os commodos que se estavam preparando para hospedar metade da população do Reino. No dia seguinte, dirigiu-se ao lugar indicado, fóra de portas.

Paterson pensou ir a pé, porque ignorava que o primeiro serviço foi a construção de uma linha ferrea para o transporte de materiaes e, depois, dos hospedes nos dias da festa.

Em cada trem, um vagão para passageiros. Tomou o primeiro trem. Minutos depois estava na cidade em construção. Muito antes de chegar, já lhe atroava os ouvidos um ruido surdo, cavo, que não era somente o do rolar do trem; era de um timbre mais alto, e ao mesmo tempo abafado como o de um trovão que muito longe ribombasse no espaço.

Apeou-se no centro das obras e teve immediatamente a noção precisa da monumental empreza. Em uma area de centenas de kilometros, espalhava-se um formigueiro humano. No ar vibravam sons de todas as alturas e timbres, desde o deslizar suave do pincel nas fachadas das tendas, até o grito estridente das limas nos dentes do serrote. Naquella amalgama de ruidos, não se percebia vóz humana. Os obreiros pareciam mudos. As ordens eram trans-

mittidas pela sineta ou pelo apito. O engenheiro trabalhava ao lado do operario. Não se conhecia, pelo traje, o profissional. A roupa era do mesmo tecido para todos, grandes e pequenos ; só variava na côr. E isso para todas as classes, desde a capital até a ultima aldeia do Reino.

Faltava menos de um anno para ser commemorada a maior data da patria e muitas mil tendas já estavam promptas. Paterson foi visitar algumas concluidas ; ver todas era impossivel. Tinham uma pequena sala, alcova, cosinha a electricidade, latrina sanitaria e banheiro. Sobre o peitoril da janella, lugares que seriam occupados por jarros de flores. O kiatense não sabia viver sem flores. O mais pobre tinha sua roseira.

Os dias iam-se passando e a imprensa continuava muda sobre o programma da festa, o que intrigava Paterson.

Dizem que o povo inglez é excentrico, porém, comparado com o de Kiato, é em extremo communicativo.

No jubileu da rainha Victoria, lembrava, o «Times» publicava tres mezes antes o programma das festas e até o «menú» dos banquetes. Todos os dias inseria uma nota sobre os festejos. Não podia imaginar como aquella gente commemoraria o maior dia da patria.

Nos paizes que tinha visitado, a America do Sul, por exemplo, os festejos, com raras variantes, constavam de comes e bebes, rethorica, officios divinos, musicas, foguetes e luminarias. Em Kiato — reflectiu — não haveria banquetes. Um povo que comia o sufficiente para não morrer de fome; sobrio até mais não poder, não mostraria a sua satisfação, a sua alegria, empanturrando-se como a besta num capinzal. Si fosse em outra qualquer terra, aquella data que povo algum já tivera a ventura de commemorar,

seria motivo para grandes comesainas e colossaes bebedeiras. A humanidade é a mesma em todas as latitudes: sem alcool não ha contentamento. Não se comprehende banquete sem o vinho de Champagne nem este sem o brinde da pragmatica, como preceitúa o protocollo da civilisação. Seria muito insulso, selvagem mesmo, sentarem-se á mesa algumas duzias de convivas para festejar um facto glorioso de sua patria, e levarem todo o tempo com os maxillares em movimento, triturando iguarias, engulindo-as até ficarem como ruminantes no periodo da segunda digestão.

O banquete da civilisação é uma pantomima, mas não ha somente a mastigação prosaica da besta; ha alguma cousa espiritual, embora burlesca. Começa o ridiculo pelo «menú», palavra exotica, importada da França, com umas tantas cousas que vão introduzindo e afrancesando as Americas.

Paterson philosophava:

— A França diz a meio mundo como deve vestir e o que deve ler. Dita-lhe o «menú», o protocollo das festas. O baptismo dos pratos é cousa divertida. Si é em terras em que a lingua que se fala é a portugueza, é uma algaravia insuportavel. Vêm «le petit pois, le foie gras, le dindon roti a Silva Gomes, la tainha escabeché, le bijupirá á bresilienne, goiabé».

O «menú» e a sua escripta agradam aos futeis, que vão empanturrar-se naquelle repasto, fazer o chylo de gi-boia farta ouvindo os brindes da pragmatica, a rethorica encommendada. Se o banquete é politico, então, reveste-se de mais solemnidade, de mais etiqueta. E' á noite, pela razão de todos os gatos serem pardos. Seria muito despudor afrontar o dia, quando se vai glorificar um nullo. Ao espoucar do champagne, phrase typica, ergue-se um dos con-

vivas e faz a apologia do homenageado, ordinariamente um imbecil sem valor, que a politicagem enthronisou. Ouve este os elogios atirados á queima roupa, em plena veronica e levantando-se, muito commovido, agradece aquella prova de sincera estima e confiança de seus amigos, aos quaes hypotheca sua eterna gratidão — diz no dia seguinte a imprensa...

Passavam-se os dias e a imprensa não publicava o programma das festas do centenario. Paterson não se conformava com semelhante silencio. O povo de Kiato não tinha nervos, e si os tinha eram de tempera differente dos da outra gente da terra. Em qualquer outra parte, os jornaes se teriam occupado immensas vezes dos festejos, fazendo do reclamo uma fonte de receita. A cidade em construcção estava a acabar e nada mais havia de preparativos.

Uma manhã, King Paterson, já sem esperanças de novas, notou do lado oriental da cidade, engenheiros e operarios da ultima construcção. Nivelavam e limpavam uma planicie baldia, na extensão de cinco a seis kilometros.

Quiz informar-se do que se ia fazer ali. Reflectindo, viu que a resposta não satisfaria á sua curiosidade. Os operarios talvez ignorassem. Havia de adivinhar a obra a executar.

Todos os dias lá ia, logo pela manhã. Um formigar de gente empregada em diversos mistéres.

Tres dias depois da primeira visita, Paterson comprehendeu o que se ia fazer. Um renque de columnas de madeiras alinhava-se nas bordas da extensa rua, dando a entender que se levantaria ali um extensissimo salão.

Não se illudiu. A' medida que o trabalho avançava, individualisava-se o genero de architectura.

O material era o papelão comprimido. Encimando as columnatas, capiteis em um estylo novo, mais elegante do que o dorico, jonico, corynthio e outros.

Faltava menos de um mez para a commemoração do centenario e não se sabiam como seriam as festas. Uma noite Paterson disse a Robert que a originalidade d'aquelle povo tocava ao absurdo.

Robert protestou :

— Nós, os outros habitantes do globo, não temos competencia nem criterio para julgar gente tão perfeita. Nos outros paizes, por exemplo, a emancipação da mulher dá uma perfeita idéa do progresso, da liberdade, da grandeza, da cultura espiritual do povo. Aqui, quem fosse julgar a mulher pelos cargos que occupa, pelos direitos politicos que exerce, tinha de consideral-a unica e simplesmente um animal que se reproduz. Puro engano. A mulher de Kiato está no seu verdadeiro papel, preenche perfeitamente os fins para que foi creada.

A mulher no lar, cuidando da educação dos filhos, da formação do character d'elles nos moldes da sã moral, da sua educação physica, presta mais serviços á patria, ao genero humano do que no parlamento ditando leis. O exercicio de profissões liberaes está em completo desacordo com o seu organismo. Ha periodos na vida em que todo exercicio lhe é interdicto. E si ella sacrifica os deveres de mãi aos deveres de sua profissão, a humanidade será fatalmente prejudicada.

Robert era hoje mais kiatense do que inglez.

Paterson, depois de ouvil-o, oppoz-lhe algumas contraditas. A mulher, disse, ficou estacionaria em Kiato. A sua acção social era ali completamente nulla. Dotada dos mesmos attributos intellectuaes que o homem, com mais

resistencia ao soffrimento, por que a privaram aqui de concorrer para a obra do progresso, em que se empenha toda a humanidade ?

Robert comprehendia o valor das objecções de Pater-son. Eram theorias das sociedades que se afogam na decadencia, conscientes de sua degradação, impotentes para um acto de energia procurando salvamento.

A kiatense vivia recolhida ao lar, entregue aos trabalhos domesticos, formando cidadãos para a patria, cultivando nelles os bons sentimentos, a sã moral ; não era somente um animal que se reproduzia com prodigalidade, como a chamavam os que pregavam a emancipação da mulher, até o amor livre, nos outros paizes corrompidos pelo alcool e pela syphilis. Os que accusavam a fecundidade da mulher de Kiato, eram os mesmos que, pela fraude, por manobras criminosas, impediam o crescimento do genero humano. E quando falhavam os meios de impedir a fecundação vinha o crime — o infanticidio.

No tempo da decadencia, dizia Robert, havia no Reino todas as miserias dos paizes civilizados do mundo. A mulher era emancipada para todos os efeitos. Meretriz ou adultera, era livre. Hoje, porém, verdadeira mulher emancipada é a de Kiato. Chegou a libertar-se do jugo da carne pela purificação da propria carne.

O que se vê nos paizes, em que a mulher está de todo emancipada, é a glorificação do vicio, é a decadencia da especie humana. A perfeição, porém, está na fraternidade humana. A virtude assiste onde os homens se amam. A virtude não circula em meios que o vicio corrompeu.

Em Kiato, a noção que se tem da vida é perfeita. A mulher exerce o magisterio emquanto solteira. Casada

que seja, isso lhe é interdicto. Como harmonisar os deveres de mãe de família com os de professora? Perdia a humanidade ou perdia a instrução publica. Defeso ensinar ás casadas, tudo estava harmonisado.

Que é a vida senão a eterna lucta do homem pelo seu bem estar? Desde as primeiras agremiações, o homem lucta pelo progresso do machado de pedra, que foi o inicio da industria humana. Si o ideal da vida é a conquista do bem estar, a saude do corpo e do espirito, o kiatense o realisou. Elle conquistou o mais elevado lugar nas artes, nas industrias, nas sciencias, nas letras. Aperfeçoou o que era conhecido e descobriu o que era ignorado.

A electricidade servia em Kiato para tudo. Conheciam-lhe os segredos, como povo algum da terra. O raio X não era descoberta local, mas o seu aperfeçoamento foi uma de suas maiores conquistas.

Com a optica, haviam realisado milagres. A microscopia foi até os limites do possivel. Levaram as investigações ao mundo dos infinitamente pequenos, até o derradeiro elo, que une as duas cadeias da vida. Não era o augmento estupendo do diametro do corpo, era a illuminação deste. Via-se a «monera», aquelle argueiro, uma cellula somente, do tamanho de uma pulga, fazendo evoluções.

Com o telescopio, chegaram a escalar o infinito, a aproximar-se dos outros mundos, mais do que todos os astronomicos do globo. Tão perto chegaram, que lhes parecia ouvir a musica harmoniosa das esferas. Da lua, nosso mais proximo visinho, chegaram quasi á fala... Viram-lhe as montanhas nuas, mediram a abertura das crateras de extinctos vulcões, quasi ouviram a melopéa das vagas de

seus mares, viram o relevo da crosta do planeta, despido por completo de vegetação.

A geologia dos outros mundos, perdidos na profundez do espaço, muitos dos quaes a tal distancia que não ha algarismo, como bem disse Monsabré, que a represente, o sabio kiatense a conhece. Para medir estas distancias incommensuraveis, quando se exgotaram os numeros da arithmetica, a sciencia tomou por unidade a luz, que caminha oitenta milhões de leguas por segundo. A luz que vem de astros tão distantes traz a nós a constituição mineralogica do astro de que emanou. A's vezes, a luz que nos chega, diz o abbade, vem de mundos que são desaparecidos. E que distancia nos separa d'elles? Uma distancia que a razão humana não concebe! Pode por ventura o homem, com a razão, com a intelligencia e os sentidos que tem, comprehender o infinito, a eternidade?

Não, porque é um mysterio.

A espectroscopia está em Kiato tão adeantada, que determina não só os corpos simples como tambem os compostos. São delicados tons das cores fundamentaes apresentadas pelo espectro, que chegaram a ser conhecidos depois de longa e paciente observação.

Tudo que acabo de lhe dizer — continuava Robert — é para provar que o kiatense não estacionou quando se lhe purificou a carne; seu espirito alou-se a regiões, que jamais attingirão os outros povos da terra, emquanto não se purificarem tambem. Paterson, está você ainda com o espirito imbuido de idéas retrogradadas. A felicidade é, para os povos em decadencia, escravos do alcool, da syphilis e do tabaco, cousa toda relativa. O homem aqui não tem que se comparar, tem que se considerar.

Pergunte ao cidadão de Kiato si é feliz; responderá que sim. Em todos os outros paizes da terra, a resposta seria condicional, a da lenda do homem sem camisa.

Passadas que foram as primeiras impressões, você, King Paterson, devia ter sentido as revoltas que tambem experimentei. Fiquei aqui, como já lhe disse, por um accidente. Eu era commerciante e, como tal, tinha uma cultura mediocre. Na impossibilidade de regressar de prompto a Londres, comecei, para matar o tempo, a frequentar a bibliotheca. A leitura me foi interessando, abrindo horisontes, que meu espirito desconhecia, illuminando-me emfim. Chegou um periodo de verdadeira ancia de aprender. Li por espaço de dez annos e, então, pude comprehender a felicidade deste grande povo. Eu me havia privado de habitos inveterados como o uso do alcool e do tabaco. Nos primeiros tempos, as saudades dos meus algozes foram taes que me fizeram soffrer penas iguaes á separação de entes que me fossem muito caros.

Eu era novo, em plena virilidade, e a continencia forçada da carne fazia explosões que me levavam ao desespero. Eram sempre sonhos eroticos que determinavam essas crises, a revolta da carne palpitante de desejos contra a castidade que não era a virtude monachal imposta, mas devida á falta absoluta de mulheres livres. Soffri muitos annos mas adaptei-me ao meio, que me purificou das misérias physicas e moraes.

O pavilhão que estavam construindo achava-se quasi prompto. Paterson notou que davam a ultima demão á obra. O salão media cerca de seis kilometros, com dois andares de archibancadas. Observou admirado uma rede de

fios metallicos que se tecia do começo ao fim do pavilhão. No principio da galeria erguia-se um estrado de dois metros de altura a que se tinha accesso por escadas nas faces lateraes. Para que seria aquelle lugar erguido do solo, aquelle palanque? Para ser occupado por pessoas gradas, os nove sabios? Não, ali não havia hierarchias, todos eram eguaes. Seria para o rei e a familia? Não era possivel; si o fosse, outra devia ser a ornamentação, dizia Paterson comsigo mesmo.

Faltavam oito dias para a commemoração do centenario, quando a imprensa o annunciou assim:

«A festa da commemoração do centenario, a emancipação physica e moral de Kiato, constará de uma sessão civica, na qual o rei lerá uma mensagem, a historia fiel do Reino, desde o tempo da decadencia até hoje. A sessão começará todos os dias a uma hora da tarde e durará o tempo necessario á leitura do documento historico.

A festa terminará por uma romaria civica, uma visita aos maiores vultos da humanidade, perpetuados em estatua nas praças da cidade».

Paterson não podia comprehender como a palavra do rei chegaria ao fim das archibancadas, em uma distancia de seis kilometros. Seria testemunha de mais um milagre d'aquella gente.

Tres dias antes da festa, começára o serviço de transporte do pessoal do interior para a capital. O movimento de trens era constante. Entravam uns e sahiam outros. Kiato era cortado de estradas de ferro em todos os sentidos, e todas movidas a electricidade.

Aquella gente, que trazia sempre o riso nos labios, parecia ainda mais contente. A população da cidade, pode-

se dizer, estava nas estações das vias ferreas a receber os parentes e os amigos que chegavam. Cada habitação da cidade hospedaria o maior numero de pessoas que lhe fosse possivel. O excesso iria para a «cidade-hospedaria», onde não faltariam aos recém-vindos, commodos e conforto.

Pela madrugada do dia da festa, ainda chegaram trens.

O dia da commemoração do centenario amanheceu como outro qualquer dia. Nem uma demonstração de regosijo! Nem repiques de sino, nem alvoradas, nem foguetes. As fabricas abriram-se, os operarios foram para o trabalho, a vida continuou como nos outros dias.

Paterson exasperou-se e dizia a Robert:

— Dizem que o inglez é frio; mas este povo tem a frieza do cadaver. Como é o sentir desta gente?

— Nós não podemos julgal-a; deante d'ella, somos animaes inferiores. O seu contentamento é todo espirital.

Os seus sentidos estão aperfeiçoados. Nella nada mais existe do aborigene. Os repiques de sino, a musica de pancadaria, os foguetes, enthusiasmam a plebe, a burguesia mesmo, mas aqui não existem degradados. Tinha que ver este povo á frente de uma banda de musica, a fazer piruetas! Isso é para os paizes decadentes!...

Paterson sahiu a ver a cidade: vivia a sua vida normal. Os bondes trafegavam, as fabricas trabalhavam, nas ruas o movimento de todos os dias. Foi ao pavilhão, que ria vel-o antes da sessão. Estava prompto o salão de seis kilometros. Não o ornavam bandeiras nem festões. Nas columnas, enredavam-se virentes trepadeiras. De espaço a espaço, nas archibancadas, jarros de fina porcelana de Lizer-na, com roseiras e tulipas, lyrios e jacynthos. Ao lado do estrado em que, provavelmente, se sentaria o rei, um ap-

parelho, differente, mas parecido com gramophone, o qual, pensou, seria para reforçar a vóz do rei e transmittil-a até a derradeira bancada. Conhecia o microphono de Hughes; tinha lido alguma cousa sobre o megraphono, mas, ao seu ver, o som embora reforçado não chegaria a tão grande distancia. De semelhante povo tudo era de acreditar.

Não aperfeiçoaram o raio X, a ponto de ver o organismo humano funcionando sob nossos olhos, como o machinismo de um relógio?

Não estaria longe a verdade.

Paterson voltou ao hotel, almoçou e, pouco depois de meio-dia, dirigiu-se ao pavilhão.

As ruas formigavam de gente, que caminhava na melhor ordem. Paterson esperava que a multidão se azafamasse, se acotovelasse, procurando occupar no pavilhão os lugares junto ao rei. Enganou-se. Iam entrando a passo tardo, em silencio, enchendo a archibancada. Cheia uma fila, enchiam outra e assim até a derradeira.

Paterson foi occupar um dos ultimos lugares, para poder avaliar o valor do aparelho que lhe levaria a mensagem.

Precisamente a uma hora da tarde, entrou o re acompanhado somente dos seus dois filhos varões. Trajava, como elles, roupas leves, eguaes ás de seus concidadãos. E a familia do rei, a mulher e as filhas?

A ausencia completa da mulher na festa deu-lhe a comprehender a falta do elemento feminino real na sessão.

Logo que entrou descobriu-se, como tambem os filhos, e fizeram juntos uma profunda venia á multidão que enchia as archibancadas.

De repente, aquelles milhares de homens se perfila-

ram, descobriram-se, e todas aquellas cabeças se inclinaram ao mesmo tempo, como si fossem de um só homem, correspondendo á saudação real. O silencio era tumular. A mudança de posição de muitas mil pessoas apenas produziu um deslocamento no ambiente, um cicio brando. Outro som não se percebeu. Ali estavam milhares de macrobios que se ergueram, lepidos como os moços; não se ouviu o ranger das articulações, ainda bem lubrificadas, não enfeijadas pela velhice.

Aquellas cabeças pretas e louras faziam um todo, salpicado de raros pontos brancos, as cans dos centenarios. Não se via uma cabeça calva, nem tão pouco velhice prematura. No kiatense os primeiros cabellos brancos apontavam aos oitenta annos.

Começou a sessão.

O rei, figura mascula, viril como todo o homem de Kiato, perfilado, lançou um golpe de vista para o auditorio e começou a leitura da mensagem, em voz cheia, forte e de um timbre sonoro.

Suas palavras reforçadas pelo aparelho, eram levadas até o fim do pavilhão, onde estava Paterson, absorto inteiramente, não só pela maravilhosa invenção, como pelas palavras criteriosas e sabias.

A mensagem era uma photographia nitida do viver do povo desde as primeiras edades. Em estylo claro, conciso, sem uma palavra ambigua, eram narrados todos os acontecimentos, desde a fundação do Reino. Era uma noticia completa e perfeita das industrias, das artes, do commercio, das lettras, da sciencia e dos factos politicos.

Narrava, não commentava.

Paterson supportou de pé a primeira hora, a segun-

da. No fim, a sua gota intímou-o a mudar de posição. Do joanete do pé direito, dores fulgurantes irradiavam-se pela perna acima, indo ao coração. Resistiu.

Ainda uma hora devia estar de pé, e já as pernas lhe tremiam, zumbiam-lhe os ouvidos, as palavras do Rei se afastavam, a vista tinha eclipses, que se aniudavam: a vertigem estava proxima. Teimou em ficar de pé. A vista não voltou, o rosto cobriu-se do suor frio da morte, foi arreando o corpo, até sentar-se.

Os vizinhos olhavam-no e viram que era estrangeiro, um degenerado, devastado pelo alcool e pela syphilis, que nem de pé podia estar por algumas horas, sem que cahisse como morto.

Paterson, passado o atordoamento, não se atreveu a levantar-se.

Concluiu-se a sessão ás cinco horas da tarde. A multidão sahiu como entrára, em ordem, em silencio. Não houve um encontrão, nem se ouviu um ruido forte. Apenas o rumor dos passos, que se fúndia com o som suave da deslocação do ar.

A' noite, conversando com Robert, contou-lhe Paterson o seu fracasso. As palavras do rei muito o haviam agradado; não perdeu uma só, até ficar atordoado. Passou ante o poder do aparelho, que reforçava a vóz á altura de ser ouvida até no fim do salão. Extranhou a falta da mulher em tão importante cerimonia.

Justificou-a Robert, dizendo que no lar era o seu lugar, que os deveres domesticos a prendiam á casa. Quando os maridos e hospedes voltassem da sessão, não seria melhor acharem a mesa posta, prompta a refeição? Assistiriam melhor á sessão lendo a mensagem, do que ouvindo

do-a. Nos paizes em decadencia a mulher masculinisa-se e assiste a todas as festas. Nas sessões scientificas ou literarias comparece, não para aprender, mas para mostrar a «toilette», as joias. Aqui, a mulher não usa joias, nem tem as orelhas furadas. Não tem «toilette» a mostrar, nem olhares a trocar. A mulher raramente entende os discursos: ou não presta attenção ou não entram nos seus ouvidos as palavras proferidas.

Da mensagem, a parte que mais agradou a Paterson foi a que se referia a Pantaleão I. Niel, seu neto, fez-lhe a psychologia com mão segura, expondo em toda a hediondez o facto criminoso, narrando-o, porém sem commentarios. Os dias que se seguiram ao crime, com as noites de pesadelos pavorosos, o acordar do criminoso, os primeiros instantes conscientes, eram descriptos com tão vivas imagens, que se tinha a idéa de assistir á cruciante angustia do desgraçado rei. Relatou as lutas dos primeiros tempos, para impor novos moldes á vida d'aquelle povo completamente transviado pelo alcool.

Occupou-se depois de Pantaleão II, seu pai, de como reinou e dos serviços que prestou á patria. Governo sem agitações, deu combate a syphilis e, todo entregue á saude publica, fez prosperar o reino.

Ao occupar-se de seu reinado, disse apenas ter continuado a obra de seu pai e de seu avô. Achando o caminho desbravado, limitou-se a conservar o que estava feito.

Cinco dias durou a sessão civica commemorando a regeneração de Kiato. Na ultima sessão estava reservada a Paterson uma surpresa.

Ao chegar á sua cadeira encontrou um livro grosso, nitidamente impresso, encadernado em couro, com o titulo

«As festas do centenario» — livro a ser distribuido aos que tinham vindo á sessão e aos cidadãos de Kiato que não tinham comparecido.

Terminada a leitura da mensagem, Niel fixou a vista no auditorio e exclamou :

«Concidadãos, continuae a cumprir os vossos deveres, a respeitar os direitos dos vossos semelhantes e a paz reinará comvosco até a consumação dos seculos».

E após o conselho convidou os circumstantes a acompanharem-no a saudar os grandes bemfeitores do genero humano, perpetuados no bronze das estatuas nas praças da cidade.

O prestito partiu acompanhando o rei. Nunca uma procissão civica teve tão grande realce e maior valor.

Milhares de creaturas caminhavam em silencio, no maior recolhimento, tendo nalma a imagem querida da patria e em mente a homenagem que iam prestar aos maiores vultos da humanidade.

A primeira estatua em frente da qual pararam foi a de Jesus Christo.

O rei descobriu-se e ajoelhando-se disse :

— Descobri-vos e ajoelhae-vos deante do homem que pregou, ha seculos, a fraternidade humana.

Toda a multidão prostrou-se descoberta, ao mesmo tempo, como si fosse um só homem. Niel, ajoelhado, recitou o decalogo. Levantou-se depois e o cortejo seguiu.

Adeante parou o prestito deante da estatua de Pasteur. O rei descobriu-se e ajoelhou-se. A multidão imitou-o. Niel leu a inscripção do pedestal, ergueu-se e seguiu, acompanhado do prestito.

A terceira estação foi em frente á estatua de Pantaleão I. O neto descobriu-se, mas não se ajoelhou. De pé, leu a legenda do pedestal e seguiu.

Já no fim da cidade, parou o cortejo deante do vulto que a gratidão do kiatense havia perpetuado — William Jenner. Niel descobriu-se e leu o pensamento nacional sobre aquelle illuminado, escripto na peanha de bronze.

Os focos electricos começavam a illuminar a cidade quando se dissolveu a procissão.

Estava acabada a primeira festa verdadeiramente cívica que a humanidade já havia feito desde que se civilizou.

(Concluido no dia 16 de Junho de 1920, no Alto da Bonança — Ceará).

INDICE

I — Nevrozicida	7
II — Paterson embarca para Londres	15
III — A capital do reino	21
IV — A imprensa	35
V — Edificios e estatuas	39
VI — A instrucção publica	47
VII — Agronomia.	63
VIII — O imposto e a morte.	67
IX — A casa real.	75
X — Reorganisação do reino	85
XI — A literatura	91
XII — O interior do reino	111
XIII — O parque da morte	121
XIV — O centenario	127

Preço:
3\$000